

LEVANTE A BANDEIRA!

UM ESPAÇO PARA A COMUNIDADE
LGBTQIA+ DO OESTE CATARINENSE



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO TÉCNOLÓGICO - CTC
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
ACADÊMICO VENANCIO GRABOSKI PERIN
ORIENTADOR RODRIGO GONÇALVES DOS SANTOS
JULHO / 2021

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO

1.1 APRESENTAÇÃO E MOTIVAÇÃO

1.2 METODOLOGIA

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 SEXUALIDADE E IDENTIDADE DE GÊNERO

2.2 VIOLÊNCIA

2.3 EDUCAÇÃO E NORMATIVIDADES

3 RESISTÊNCIA

3.1 A COMUNIDADE LGBTQIA+

3.2 REFERENCIAIS SIMBÓLICOS/ESPACIAIS

4 REPRESENTATIVIDADE

4.1 CHAPECÓ - CAPITAL DO OESTE

4.2 O "DESBRAVADOR"

4.3 A CIDADE DE CHAPECÓ POR LGTBs

- 4.3.1 METODOLOGIA

- 4.3.2 REGISTROS

- 4.3.3 RESULTADOS

5 VISIBILIDADE

5.1 O TERRENO ESCOLHIDO

- 5.1.1 PLANO DIRETOR

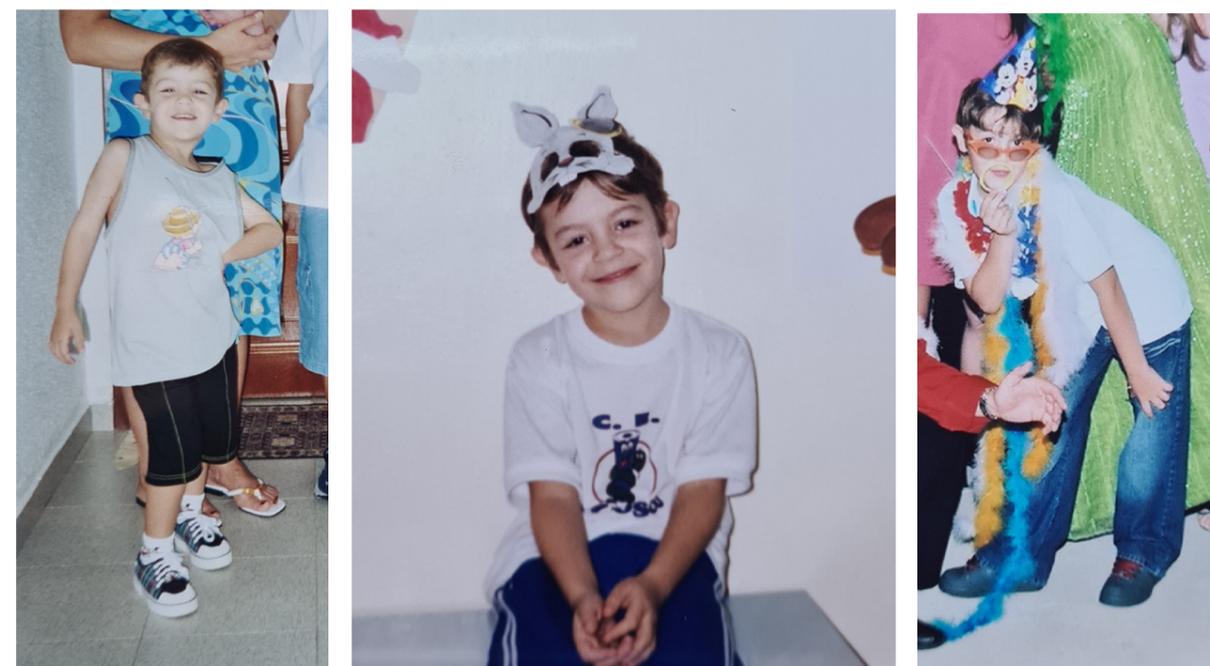
5.2 O ESPAÇO PROPOSTO

6 REFERÊNCIAS

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todas as pessoas que de alguma forma contribuíram para a finalização deste trabalho. Seja minha família por me apoiar quando precisei, meus amigos por me motivarem a seguir em frente, as pessoas que entrevistei pela contribuição de imensa importância para esse trabalho e aos professores que fizeram parte de minha formação.

Dedico esse trabalho à comunidade LGBTQIA+ do Oeste Catarinense, a todos que já sofreram pela ignorância e intolerância de outras pessoas. A todos que resistem a uma sociedade machista, racista, homofóbica e transfóbica. Às pessoas LGTBs que conheci durante toda minha vida e me ensinaram o significado de representatividade. Não estamos sozinhos e a volta ao armário não é uma opção.



Acervo pessoal

Dedico esse trabalho também ao “Venancio (eu) criança”, que mesmo cedo, já tinha consciência de sua sexualidade e da crueldade da sociedade. Você resistiu e ainda resiste, e por isso, eu te agradeço.

INTRODUÇÃO

1.1 APRESENTAÇÃO E MOTIVAÇÃO

Ingressar no ambiente da Universidade significou para mim muito mais do que a oportunidade de me graduar e obter um diploma para poder exercer uma profissão no mercado de trabalho. Mais do que com o ambiente acadêmico, aprendi com as pessoas que conheci durante essa jornada. Tal experiência significou conhecer e respeitar realidades diferentes da minha, a me libertar do que me impedia de ser eu mesmo, mas acima de tudo, ensinou-me que representatividade importa.

Tendo nascido e crescido em Chapecó, cidade do oeste catarinense, não me lembro de nenhuma figura LGBTQIA+ presente, ou pelo menos que fosse respeitada. Eu sentia os olhares de repressão das pessoas quando um casal gay passava por elas, eu ouvia os comentários ou xingamentos que proferiam, e mesmo sem entender o porquê de tais atitudes, eu sabia que eu não concordava com elas.

Quando criança, sempre me senti diferente das pessoas ao meu redor e desde cedo percebi que existiam certas regras sociais que eu deveria seguir, caso contrário seria repreendido. Brincar de boneca, usar certas roupas e cores, comportar-me de certa maneira não eram opções pelo fato de eu ser menino.

Conforme crescia, cada vez mais eu guardava uma parte essencial de mim e me fechava para me proteger. Porém isso não me blindou de sofrer as consequências de ser quem eu era. Vivi dessa forma e esperei até o momento que eu ganhasse a maturidade necessária para poder me expressar e lidar com a incompreensão da sociedade.

Decidi realizar meu Trabalho de Conclusão de Curso em minha cidade natal, Chapecó. Sendo uma cidade do interior do estado de médio porte, está inserida numa cultura machista, conservadora e heteronormativa, e minha experiência e vivência como homem gay chapecoense atestam isso.

Sendo assim, minha inspiração e motivação surgem em um primeiro momento para estimular o debate acerca da comunidade LGBTQIA+ de Chapecó e região. No decorrer do trabalho optei em propor um equipamento de suporte para essa população - acredito que oferecer um espaço como esse poderia reafirmar a ocupação da comunidade na cidade, assim como serviria como um instrumento de representatividade e visibilidade. As pessoas precisam reconhecer, aceitar e respeitar a presença de todas as minorias no espaço urbano. Também acredito que esse espaço serviria para todas as pessoas da comunidade que ainda não se reconhecem como parte dela, e ajudaria não só no processo de aceitação, mas também na desconstrução das crenças conservadoras que a sociedade nos impõe, uma vez que grande parte da população LGBTQIA+, principalmente aqueles das cidades do interior, internalizam tais ensinamentos e reproduzem atitudes machistas, LGBTfóbicas e misóginas.

1.2 METODOLOGIA

Primeiramente, foi feita uma revisão bibliográfica acerca de assuntos teóricos pertinentes para a resolução desse trabalho, tais como: sexualidade, identidade de gênero, violência e educação. Além disso, foram pesquisados aspectos históricos que cercam a Comunidade LGBTQIA+ e sua luta por direitos e a contextualização do local da intervenção, a cidade de Chapecó.

Em um segundo momento foram realizadas entrevistas com pessoas da comunidade que já tiveram alguma forma de vivência na cidade de Chapecó, seja por terem nascido na cidade ou simplesmente por terem morado temporariamente. Após a conclusão dos resultados da pesquisa, foi optado por propor uma intervenção arquitetônica na cidade com a finalidade de atender as demandas apontadas nas entrevistas.

Em sequência, realizou-se o estudo de referenciais simbólicos/espaciais e a decisão do terreno escolhido para a proposta. Por meio de estudos em maquete física, desenhos à mão e em softwares de desenho e modelagem, construiu-se a proposta presente nesse trabalho.



Chapecó durante a Parada de Luta LGBT do Oeste Catarinense
Fonte: <https://www.facebook.com/unalgbtchapeco>

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 SEXUALIDADE E IDENTIDADE DE GÊNERO

Segundo os Princípios de Yogyakarta, compilado de fundamentos sobre direitos humanos nas áreas de orientação sexual e identidade de gênero, produto resultante de uma reunião internacional de grupos de direitos humanos, a orientação sexual pode ser definida como “a capacidade de cada pessoa de sentir uma profunda atração emocional, afetiva e sexual por pessoas de um gênero diferente ao seu, ou do mesmo gênero, ou de mais de um gênero, assim como a capacidade de manter relações íntimas e sexuais com estas pessoas”. Dessa forma, fica claro que a orientação sexual não somente é algo extremamente particular da vida de cada indivíduo, como gera reflexos em outros componentes que contemplam o desenvolvimento de identidade pessoal, como sua personalidade e relações sociais.

Além disso, tal aspecto da sexualidade humana conecta-se com o conceito de liberdade de escolha frente às circunstâncias particulares da vida, de acordo com princípios particulares e convicções pessoais. Heterossexual (atração sexual pelo gênero oposto), homossexual (atração sexual pelo mesmo gênero), bissexual (atração sexual por ambos os gêneros), assexual (não há atração sexual por nenhum dos gêneros, podendo ou não se envolver romanticamente), pansexual (atração sexual independente do gênero), entre diversas outras orientações de acordo com a individualidade de cada um.

É possível encontrar diversas formas de conceituações e entendimentos acerca do tema, porém observa-se que a maioria dos estudiosos/as atribui que a “sexualidade supõe ou implica mais do que corpos, que nela estão envolvidos fantasias, valores, linguagens, rituais, comportamentos, representações mobilizados ou postos em ação para expressar desejos e prazeres.” (LOURO, 2007)

Novamente, segundo os Princípios de Yogyakarta, identidade de gênero pode ser definida como:

a vivência interna e individual do gênero tal como sentida profundamente por cada pessoa, a qual pode ou não corresponder com o sexo assignado ao momento do nascimento, inclusive a vivência pessoal do corpo (que pode envolver a modificação da aparência ou da função corporal através de meios médicos, cirúrgicos ou de outra natureza, desde que seja por sua livre decisão) e outras expressões de gênero, incluindo a vestimenta, o modo de falar e a conduta. (COMISSÃO INTERAMERICANA DE DIRETOS HUMANOS, 2015, pg 32)

O próprio conceito de gênero liga-se à história do movimento feminista contemporâneo, sendo na denominada “segunda onda” do feminismo (final da década de 60), que o movimento, além das preocupações sociais e políticas, focará em desenvolver construções propriamente teóricas. (LOURO, 1997)

O final dos anos 60 foi agitado, o mundo borbullava em cada canto. A população ao redor do globo almejava por mudança: uma sociedade abalada por guerras, e ainda fragilizada, continuava a sofrer com as ações dos homens. Movimentos ambientais/ecológicos e a favor dos direitos humanos tomavam espaço nesse período que foi responsável por rever e interrogar paradigmas em todas as áreas.

A distinção biológica/sexual é usada por muitos como justificativa para as desigualdades sociais entre homens e mulheres. Sendo assim, é necessário ir contra esse tipo de argumentação, uma vez que não são as características sexuais propriamente ditas, mas sim a forma como elas são valorizadas e significadas, que geram as desigualdades

entre os gêneros. O que é masculino ou feminino se constrói a partir de tudo o que se constituiu socialmente sobre os sexos, levando em consideração a cultura e o momento histórico.

Assim, Louro afirma que foi através das feministas anglo-saxãs que o conceito gênero surgiu, não só como uma ferramenta analítica mas também política, visando contrapor a argumentação de determinismo biológico e frisar através da linguagem “o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo” (Scott, 1995, p. 72 Apud Louro, 1997, p.21). O gênero não nega a biologia, mas enfatiza a construção social e histórica dada sobre as características biológicas.

É necessário pensar na pluralidade e na complexidade que o conceito abrange, uma vez que a representação sobre homens e mulheres são muitas. As sociedades ou os momentos históricos não são as únicas variáveis para a discussão, nela precisam ser incluídas as diversidades dentro dessas variáveis, como questões étnicas, religiosas, raciais e de classe.

Assim, pode-se interpretar o gênero como parte da identidade dos sujeitos, tal como a etnia, classe ou nacionalidade. Com tal afirmação nega-se, portanto, que o gênero seja resumido apenas como a adoção de um papel masculino / papel feminino em frente à sociedade. O gênero constitui e faz parte dos sujeitos que, por sua vez, podem ser referidos como tendo identidades plurais, não permanentes, portanto mutáveis, sendo até mesmo contraditórias. A complexidade das diversas relações sociais que uma pessoa adota, os grupos a qual pertence, fazem parte do sujeito e pode levá-lo a se perceber como se fosse “empurrado em diferentes direções”, segundo Stuart Hall (1992, p. 4, apud Louro 1997, p. 25)

Sobre o conceito de identidade, Louro afirma:

Uma identidade é sempre, necessariamente, definida em relação a outra, depende de outra - na afirmação da identidade, inscreve-se a diferença. Contudo, ainda que o caráter relacional seja constituinte da representação de qualquer identidade, podemos notar que algumas delas ocupam, culturalmente, uma posição central e servem de referência a todas as demais. Essas identidades são representadas como “normais”, básicas, hegemônicas. É por contraponto ou comparação a elas que as outras são qualificadas como diferentes. (LOURO, p. 67, 2000)

A identidade de gênero não é definida por eventuais mudanças corporais, intervenções cirúrgicas ou tratamentos médicos, porém, podem ser fundamentais para a construção da identidade de gênero de certas pessoas. O termo genérico popular usado para se referir às variações das identidades de gênero é “pessoas trans”. Sendo transgênero definido como a pessoa que não se identifica com o gênero imposto ao nascimento e cisgênero como a pessoa que se identifica com o gênero imposto ao nascimento.

O termo Mulheres Trans refere-se às pessoas que tiveram seu sexo determinado como masculino, enquanto sua identidade de gênero é feminina. Homens Trans refere-se às pessoas que tiveram seu sexo determinado como feminino, enquanto sua identidade de gênero é masculina. O termo Pessoas Trans também pode se referir às pessoas que não se identificam com o binário mulher/homem.

2.2 VIOLÊNCIA

A violência contra a comunidade LGBTQIA+ é um problema sistêmico e ocorre, em diferentes intensidades, ao redor do mundo todo. Apesar de alguns lugares (países, cidades) terem apresentado avanço em diminuí-la, ainda há muito a se fazer. A Comissão Interamericana de Direitos Humanos, em seu relatório intitulado “Violência contra Pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans e Intersexo nas Américas”, aponta que:

está preocupada com os altos índices de violência registrados no continente americano contra pessoas lésbicas, gays, bissexuais, trans e intersexo (LGBTI), ou aquelas pessoas percebidas como tal, e a ausência de uma resposta estatal eficiente diante dessa problemática. Isto fica claramente demonstrado pela falta de medidas efetivas para prevenir, investigar, sancionar e reparar atos de violência cometidos contra pessoas LGBTI, de acordo com o padrão de devida diligência. (COMISSÃO INTERAMERICANA DE DIREITOS HUMANOS, 2015, pg 11)

Tais atos de violência, sendo eles físicos ou psicológicos, acontecem contra pessoas com orientações sexuais, identidades de gênero e corpos que variam do padrão hegemônico heterossexual feminino e masculino. A Comissão destaca em seu relatório os altos níveis de crueldade contra a comunidade LGBTQIA+, sendo vários casos documentados de tal maneira – “os cadáveres de pessoas LGBT demonstram que as mesmas foram torturadas, seus genitais mutilados, seus corpos esquartejados e marcados com símbolos que denotam altos níveis de preconceito.” (2015).

A Comissão também aponta em seu relatório que a violência contra a comunidade LGBTQIA+ pode ser considerada como violência social contextualizada, o que significa que a motivação do agressor faz parte de um fenômeno complexo e não apenas como um ato individual. Os atos de violência contra as orientações sexuais e as identidades de gênero não normativas são melhor categorizados como “violência por preconceito” – fenômeno social contra grupos específicos, de impacto simbólico que envia uma mensagem de terror generalizado para o grupo afetado.

Contudo, talvez os atos de violência mais enfrentados por essa população como um todo, são aqueles que são vividos cotidianamente de forma naturalizada. A própria violência física contra a comunidade já é naturalizada em nossa sociedade, porém os pequenos atos de preconceitos e de violações de direitos acusam e expõem o problema estrutural da situação.

A Comissão também recebeu informações sobre o impacto das leis contra a vadiagem, das leis que buscam proteger a “moral pública”, ou dos códigos locais de contravenções que, apesar de não criminalizar diretamente a atividade entre pessoas do mesmo sexo ou as pessoas trans, frequentemente são interpretados e aplicados para a criminalizar as pessoas LGBT. Dentro desses marcos normativos, as definições amplas e imprecisas de condutas proibidas abrem a porta para interpretações e aplicação arbitrárias contra as pessoas que são vistas como transgressoras das normas tradicionais e das construções sociais sobre gênero, especialmente as pessoas trans. (COMISSÃO INTERAMERICANA DE DIREITOS HUMANOS, 2015, pg 12).

Um exemplo mencionado pela Comissão é o da presença de uma pessoa trans em espaço público ser considerada uma “exposição obscena” do ponto de vista da polícia ou de certos indivíduos. O mesmo se aplica quando acontecem demonstrações públicas de afeto entre casais LGBTQIA+.

A partir do Registro de Violência feito pela CIDH, entre 01 de janeiro de 2013 e 31 de março de 2014 (totalizando 15 meses), notou-se que a maioria das vítimas de homicídios ou atos brutos de violência foram homens gays e mulheres trans. A comunidade não só sofre como vítima perante a sociedade, mas também perante as forças estatais, sendo um exemplo o tratamento desumano, uso excessivo de força, detenções ilegais e arbitrárias, originadas

do abuso policial contra a comunidade.

Casos de violência sexual também são comuns, sejam as vítimas homens gays, mulheres lésbicas, bissexuais e trans. Ou seja, indivíduos que desafiam as normas tradicionais de gênero, inclusive mulheres percebidas como masculinas, são o alvo de tal violência, que na maioria das vezes tem a justificativa inadequada de ser um ato “corretivo” por meio do agressor, sendo usada para castigar sexualidades e identidades de gênero não normativas.

Outro problema enfrentado por pessoas LGBTQIA+ é o da submissão, geralmente por parte de membros familiares, a tratamentos psicoterapêuticos com a finalidade de “converter” a sexualidade / gênero, chegando a casos de internamento em clínicas ou colônias. Tanto a Organização Panamericana de Saúde, quanto a Organização das Nações Unidas (ONU), afirmam que tais tratamentos não possuem embasamento médico e são considerados uma ameaça grave à saúde e aos direitos humanos das pessoas submetidas a tais atos.

Entretanto, a violência sofrida por esses grupos é variada. Além dos fatores em questão – orientação sexual e identidade de gênero não normativa – outros fatores contribuem e criam subgrupos dentro da comunidade com maior vulnerabilidade que outros, são eles – “etnia; raça; sexo; gênero; situação migratória; situação de defensor ou defensora de direitos humanos; e pobreza” (CIDH, 2015). Portanto, existe um vínculo entre tais fatores com a forma de violência sofrida. Pessoas LGBTQIA+ que vivem na pobreza são mais vulneráveis a abusos policiais, maiores taxas de criminalização e encarceramento. Dificuldade no acesso à moradia também se apresenta como um agravante da vulnerabilidade dessas pessoas e que, por consequência, aumenta-se o risco de serem vítimas de violência.

Neste relatório, a CIDH também observa que a violência, o preconceito e a discriminação predominantes na sociedade em geral e no interior da família, reduzem as possibilidades das mulheres trans de obter educação, serviços de saúde, abrigos exclusivos e acesso ao mercado formal de trabalho. Em consequência, a falta de moradia e a exclusão do acesso à educação e ao mercado formal de trabalho, tornam as pessoas trans mais suscetíveis a ser submetidas a diversas formas de violência. A violência contra as pessoas trans, especialmente as mulheres trans, é resultado da combinação de vários fatores: exclusão, discriminação e violência no seio familiar, no âmbito da educação e da sociedade em geral; falta de reconhecimento de sua identidade de gênero; envolvimento em ocupações que as põem em perigo maior de ser vítimas de violência; e alta criminalização. (COMISSÃO INTERAMERICANA DE DIREITOS HUMANOS, 2015, pg 15)

Também de acordo com estatísticas levantadas pela Comissão, organizações latino-americanas informam que a expectativa de vida das mulheres trans na região é de 30 a 35 anos de idade. Relatórios recebidos pela CIDH mostram que tal grupo, quando exercem trabalho sexual, são vulneráveis a formas de violência em seu ambiente comunitário “incluindo homicídios cometidos por indivíduos, por seus clientes, por grupos ilegais armados ou gangues.” (CIDH, 2015).



Foto: Agência Brasil

Fonte: <https://www.cartacapital.com.br/diversidade/um-lgbt-e-agredido-no-brasil-a-cada-hora-revelam-dados-do-sus/>

2.3 EDUCAÇÃO E NORMATIVIDADES

A escola é um ambiente de ensino e aprendizagem. Na escola vemos diferenças e desigualdades e é ela que as produz. Desde seu início, ela distinguiu as pessoas, separando aquelas que a ela tinham acesso das que não tinham. Em sua estrutura interior, ela também foi responsável em dividir por classificações, ordenamentos e hierarquizações – Os adultos e as crianças, os católicos e os protestantes, os ricos e os pobres e também os meninos e as meninas (LOURO, 1997).

A escola delimita espaços. Servindo-se de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui. Informa o “lugar” dos pequenos e dos grandes, dos meninos e das meninas. Através de seus quadros, crucifixos, santas ou esculturas, aponta aqueles/as que deverão ser modelos e permite, também, que os sujeitos se reconheçam (ou não) nesses modelos. O prédio escolar informa a todos/as sua razão de existir. Suas marcas, seus símbolos e arranjos arquitetônicos “fazem sentido”, instituem múltiplos sentidos, constituem distintos sujeitos. (LOURO, 1997, p. 58)

Diferenças e divisões que incluem classe, etnia, sexo, sexualidade e gênero estão diretamente ligadas as construções sociais que são observadas no ambiente escolar. Há uma naturalidade ao encarar a situação de que meninas e meninos ajam de forma diferente. Considera-se “normal” que meninos invadam os espaços das meninas, que interrompam suas brincadeiras, assim como é naturalizado que algumas crianças tenham e possam usufruir de tempo livre, enquanto outras precisem trabalhar após o horário escolar.

Gestos e padrões de comportamento são produzidos no espaço escolar e incorporados por meninos e meninas. Sobre a escola, Louro (1997) afirma, “ali se aprende a olhar e a se olhar, se aprende a ouvir, a falar e a calar; se aprende a preferir”. Tais aprendizados são atravessados pelas diferenças e eles também as produzem. Entretanto, as pessoas não são inteiramente passivas de ação frente às imposições, elas se envolvem nesses aprendizados, reagindo-os, respondendo-os ou recusando-os.

O que devemos fazer é, ao invés de questionar o que é “desviantes” do comum, questionar aquilo tido como natural, e problematizar o porquê disso. Tal problematização envolverá lidar com múltiplas combinações entre gênero, sexualidade, classe e etnia, deixando de lado as dicotomias do pensamento binário da sociedade. Como consequência do pensamento limitante e dicotômico acerca das sexualidades e identidades de gênero, assume-se, mesmo que indiretamente, que todos os sujeitos que não se enquadram na lógica desse pensamento não são considerados ou são vistos como problemas e desvios.

A ignorância, disfarçada como inocência, é encarada como uma forma de manter os “valores morais” e “comportamentos bons” – cristãos, heterossexuais e machistas. Ocorre-se, portanto, a negação da comunidade LGBTQIA+ dentro do espaço escolar – “ao não se falar a respeito deles e delas, talvez se pretenda “eliminá-los/as”, ou, pelo menos, se pretenda evitar que os alunos e as alunas “normais” os/as conheçam e possam desejá-los/as.” (LOURO, 1997). Tal exclusão resulta em gozações e insultos, de um modo que jovens LGBTs passam a se ver como “desviantes, indesejados ou ridículos.”

Nota-se também, em relações adulto – criança, a busca em criar relações entre as práticas infantis e as dos adultos (considerados “normais”, portanto, heterossexuais). São os detalhes na comunicação que revelam tais atitudes, como perguntar sobre “namoradinhas” para meninos e sobre “namoradinhos” para as meninas, como questionar a escolha de brincadeiras e separá-las por gênero, meninos não brincam de boneca, assim como meninas não brincam com carrinhos de brinquedo.

Tal separação entre meninos e meninas é estimulada também, não só pelo contexto sociocultural de cada pessoa, mas pelas próprias atividades escolares, quando são divididos grupos de estudo ou em competições. É observada também, por exemplo, em brincadeiras onde garotos ridicularizam outro, chamando-o de “menininha” ou de “viadinho”. De outro lado, também observa-se na escola situações que representam um “cruzamento de fronteiras” entre os gêneros. Citando Deborah Britzman, Louro escreve em seu livro:

Deborah Britzman (1996) vai mais longe nessa questão, ao discutir as estreitas imbricações entre gênero e sexualidade e as consequências dessa inseparabilidade. Citando Jeffrey Weeks (p. 96), ela afirma que usualmente confundimos ou vinculamos gênero (“a condição social pela qual somos identificados como homem ou como mulher”) e sexualidade (“a forma cultural pela qual vivemos nossos desejos e prazeres corporais”). Assim, diz Weeks, que “o ato de cruzar a fronteira do comportamento masculino ou feminino apropriado (isto é, aquilo que é culturalmente definido como apropriado) parece, algumas vezes, a suprema transgressão”. Como já observamos, a vigilância e a censura da sexualidade orientam-se, fundamentalmente, pelo alcance da “normalidade” (normalidade essa representada pelo par heterossexual, no qual a identidade masculina e a identidade feminina se ajustam às representações hegemônicas de cada gênero). (LOURO, 1997, p. 80)

Assim, afirma-se que escola não apenas reproduz as noções de gênero e sexualidade percebidas pela sociedade, como também as produz. Tais conceitos estão presentes no cotidiano escolar não por causa de discursos, de uma disciplina de educação sexual ou da inclusão de tais assuntos pela instituição, mas sim porque eles fazem parte dos sujeitos, sendo, portanto, inevitável.

O que é proposto pelo ambiente escolar, e pela sociedade na qual a instituição se insere, é a formação de sujeitos masculinos e femininos heterossexuais. Entretanto, se a identidade heterossexual fosse de fato natural, enquanto que a homossexual é tratada como ilegítima e não natural, por que há necessidade de garanti-la e policiá-la? Se aceitarmos que a sexualidade é construída, logo todas as suas formas são consideradas legítimas, assim como o fato de que sujeitos diferentes podem viver de várias formas seus prazeres e desejos.

Dessa forma, há uma maior chance de uma menina com trejeitos considerados masculinos, ou de um menino com trejeitos considerados femininos, aprender que seus desejos são anormais, que não devem ser expressados e que devem permanecer escondidos, mesmo em casos em que tais características não sejam ligadas a sexualidade ou a identidade de gênero da pessoa.

Há ainda uma difícil barreira de sentido a superar: para que um/a jovem possa vir a se reconhecer como homossexual, será preciso que ele/ela consiga desvincular gay e lésbica dos significados a que aprendeu a associá-los, ou seja, será preciso deixar de percebê-los como desvios, patologias, formas não-naturais e ilegais de sexualidade. Como se reconhecer em algo que se aprendeu a rejeitar e a desprezar? Como, estando imerso/a nesses discursos normalizadores, é possível articular sua (homo)sexualidade com prazer, com erotismo, com algo que pode ser exercido sem culpa? (LOURO, 1997, p. 83)

A noção, construída de forma histórico-cultural, de regras sociais para o masculino e o feminino tem sido responsável por abusos contra os direitos humanos de pessoas que ousam transgredir tais estereótipos. A linguagem corporal, forma de vestir, diferentes formas de linguagens, comportamento e interações sociais fazem parte de elementos que alteram as expectativas de gênero. A partir do momento que sujeitos passam dos limites impostos pelas regras sociais, as expectativas tradicionais de expressão de gênero são transgredidas.

2.3 EDUCAÇÃO E NORMATIVIDADES

Os corpos são qualificados como materialidades biológicas, sendo experimentados como provas de nossa sexualidade e da existência de gêneros e aqueles que não se acomodam a essas normalizações são tratados como “abjetos”. Como fazer de nossas vidas experimentações que ousem transbordar as normalizações histórico-culturais? (MÉLLO, 2012, p. 197)

Em nossa sociedade a heterossexualidade é o modelo de normalidade. E assim a heteronormatividade surge como:

norma que articula as noções de gênero e sexualidade, estabelecendo como natural certa coerência entre sexo (nasceu macho, nasceu fêmea), gênero (tornou-se homem, tornou-se mulher) e orientação sexual (se é um homem, irá manifestar interesse afetivo e sexual por mulheres, e vice-versa). Esse modelo, binário e dicotômico, é entendido como natural e para muitos parece estar na “ordem das coisas”, o que faz com que indivíduos que não se reconheçam nele sejam percebidos como doentes, desviantes, perturbados, transtornados, pecadores etc. (SEFFNER, 2013, p. 150)

Dessa forma, precisamos desnaturalizar as diferenças entre homens e mulheres, ainda encarados como categorias universais e padronizadas. Considerando o gênero como modelo cultural construído a partir de relações historicamente construídas, o movimento feminista progride na direção de “questionar qualquer tipo de essencialidade sexual marcada previamente nos corpos: o binarismo masculino versus feminino, a natural maternidade, o natural vigor masculino” (MÉLLO, 2012).

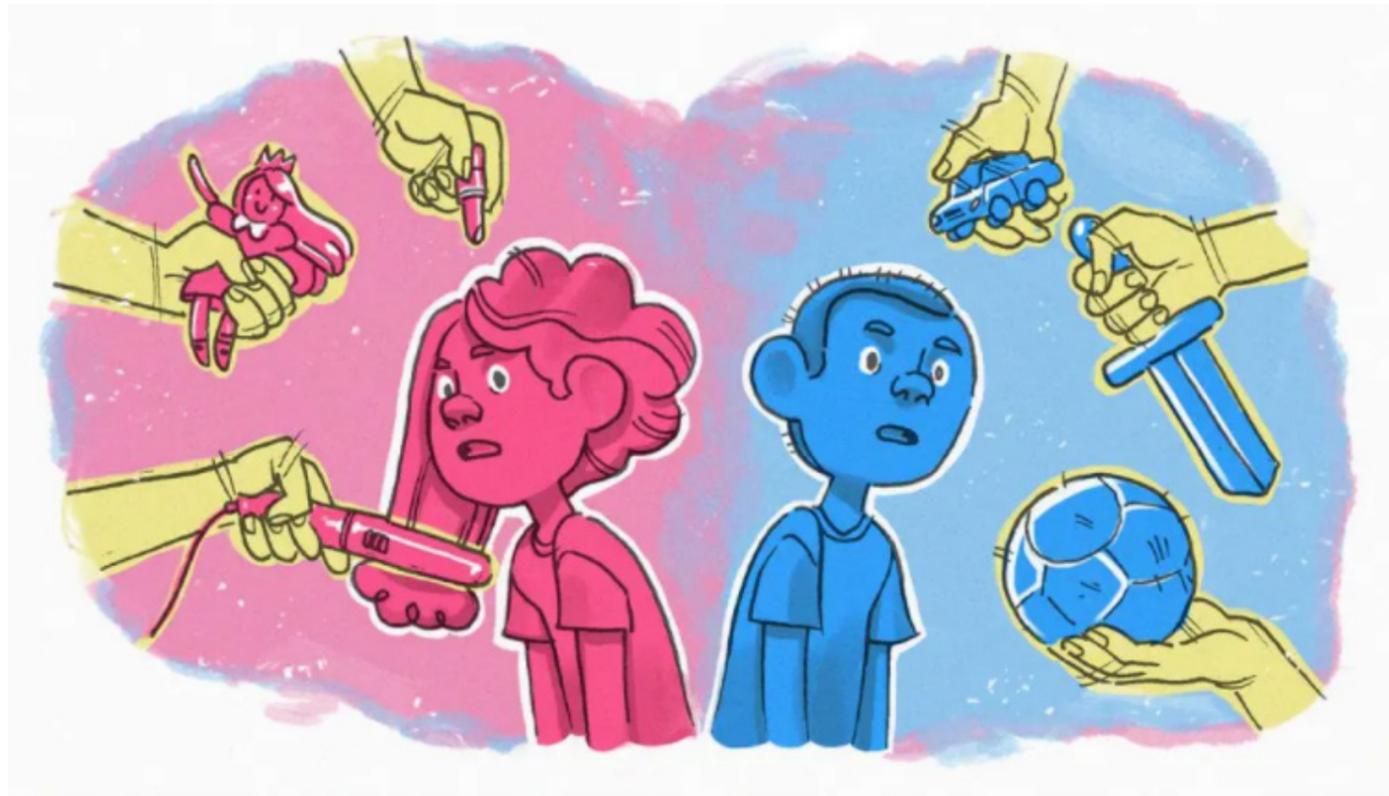


Ilustração: Dika Araújo - (<https://www.instagram.com/dikaraujo/>)
<https://emails.estadao.com.br/blogs/nana-soares/quantos-talentos-perdemos-por-dividir-o-mundo-entre-meninos-e-meninas/>



Performance durante a Parada de Luta LGBT do Oeste Catarinense
Fonte: <https://www.facebook.com/unalgbtchapeco>

RESISTÊNCIA

3.1 A COMUNIDADE LGBTQIA+

Fazem parte da Comunidade LGBTQIA+ pessoas que fogem das normas de gênero e sexualidade impostas pela sociedade e historicamente marginalizadas de representatividade social e direitos. Lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros fazem parte da comunidade além de pessoas pansexuais, assexuais, não binárias (não se identificam como sendo do sexo masculino e nem feminino), gênero fluído (pessoas que alteram entre os gêneros, não possuindo uma única identidade de gênero), queer (pessoas que não correspondem ao padrão normativo da sociedade, seja por gênero ou sexualidade) e intersexo (pessoas que nascem com uma anatomia reprodutiva ou sexual que não se encaixa na definição típica de sexo feminino ou masculino). De certa forma, todos que não fazem parte da cis heteronormatividade podem ser considerados como parte da comunidade LGBTQIA+.

As pessoas LGBTQIA+ lutam para terem os seus direitos garantidos pelo governo, além da garantia de sua liberdade de expressão e respeito em frente a sociedade. A comunidade celebra seu orgulho, diversidade e representatividade, graças as frequentes lutas sociais na busca por direitos e igualdade, e também como forma de reafirmar as próprias conquistas.

É impossível falar sobre o histórico de lutas por direitos no contexto LGBTQIA+ sem mencionar a revolta de Stonewall, considerada como marco histórico importante no assunto. Ocorreu na data de 28 de junho de 1969 em Nova Iorque (EUA), mesmo dia e mês em que é comemorado anualmente o “Dia Mundial do Orgulho LGBTQIA+”.

No final dos anos 1960, nos Estados Unidos, relações homossexuais eram consideradas ilegais em todos os estados do país, com a exceção de Illinois, assim como demissões e despejos pela sexualidade eram legais. Na medicina, o “homossexualismo” era considerado doença, sendo os sujeitos submetidos a “tratamentos” intensos como eletrochoque, castração e lobotomia. Além disso, assumir-se homossexual, para os olhos da sociedade, era deixar de lado a moral, algo ainda contraditório em uma década responsável por tantos movimentos sociais.

A cidade de Nova Iorque apresentava crescimento em sua demografia, e conseqüentemente, pessoas LGBT mudavam-se para a cidade na busca de oportunidades e também de semelhantes. Elas conseguiam se reunir em bares e baladas gays, mesmo sofrendo abusos diariamente, e tais estabelecimentos sofriam ataques da polícia. Em especial, o ataque do bar Stonewall Inn em junho gerou uma série de manifestações, durando alguns dias e fazendo-o se tornar um dos primeiros levantes da comunidade a ganhar atenção da mídia. Ele marcou a tomada do espaço público pela população LGBTQIA+ e também foi primordial para a decisão de ser realizada, no ano seguinte (28 de junho de 1970), a primeira Parada do Orgulho LGBT em Nova Iorque.

Infelizmente, quando a revolta de Stonewall aconteceu nos Estados Unidos, a ditadura militar que assolou o Brasil entre 1964 a 1985 estava em curso. Em dezembro de 1968, menos de um ano antes da revolta norte americana, havia sido outorgado o Ato Institucional número 5 (AI-5), retirando várias liberdades e direitos civis e fortalecendo a censura. Dessa forma, o regime autoritário atrasou as lutas sociais em relação a outros lugares pelo mundo.

De acordo com Trevisan (2006, apud JESUS, 2013, p. 55) “No Brasil, a primeira manifestação pública pelos direitos de LGBT foi uma passeata contra a violência policial, ocorrida em 13 de junho de 1980, na cidade de São Paulo”. As Paradas de Orgulho LGBTQIA+ surgem como movimentos políticos por resistência, representatividade e

visibilidade, além de exigir a criação de políticas públicas para essa população, como ato para afirmar nossa vivência pública. Ela imprime uma determinada sociabilidade no território. Ocupa-se os espaços públicos para promover uma troca entre todas as categorias sociais, elevar a autoestima de quem participa e “sensibilizar a sociedade para o convívio com as diferenças.” (CHIOCHETTA e AVENA, 2006)

Segundo Magnani (1996, apud CHIOCHETTA e AVENA, 2006, p. 12) “entende-se a sociabilidade como um conjunto de relações ou de múltiplas apropriações, usos, costumes, olhares, discursos e representações que se faz de determinados espaços”. Durante muito tempo, reverberando até mesmo nos dias de hoje, a população LGBTQIA+ teve sua ocupação no território associada ao uso noturno dos espaços e de ambientes restritos à própria comunidade, como bares, boates e saunas. Em uma cidade como São Paulo, por exemplo, o público desses lugares é frequente durante o ano inteiro, mas durante a Parada, aumenta em quantidade expressiva, resultado da chegada de turistas na cidade que buscam socialização e identidade. De acordo com Chiochetta e Avena (2006), a intensificação do uso do espaço, consequência da realização da Parada, a nível simbólico, coloca-se “como um momento de expressão da diversidade gay, em que variadas e múltiplas identidades, comportamentos, posturas e noções podem ser reconhecidas.”



Cena retirada do clipe de “MARCH” - Monét X Change
Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=gn38EJHbwc>



Revolta de Stonewall
Fonte: <https://www.politize.com.br/rebeliao-de-stonewall/>



Passeata contra a violência policial, 1980
Fonte: <https://bit.ly/3iqUORR>



Parada do Orgulho LGBT de Sao Paulo, 2018
Fonte: <https://www.viagenscinematograficas.com.br/2018/05/parada-do-orgulho-lgbt-2018-sp.html>

3.1 A COMUNIDADE LGBTQIA+

A primeira parada LGBTQIA+ brasileira, sob o nome de “Parada do Orgulho Gay”, aconteceu em São Paulo em 1997, com o tema “Somos muitos, estamos em todas as profissões” e reuniu cerca de duas mil pessoas. Em 1998, sob a temática “Os direitos de gays, lésbicas e travestis são direitos humanos”, reuniu cerca de sete mil pessoas. Em 1999, o nome do evento foi mudado para Parada do Orgulho GLBT pela ONG Associação da Parada do Orgulho GLBT, responsável pela organização do evento, reunindo aproximadamente 35 mil pessoas. No ano 2000 a parada ultrapassou a casa dos cem mil, atingindo 120 mil participantes. Foi em 2008, que a sigla do nome foi mudada para LGBT, com a finalidade de promover mais visibilidade ao movimento lésbico. Com o passar do tempo recordes foram sendo batidos a cada ano, tendo a “Parada do Orgulho LGBT” de São Paulo atingindo a casa dos milhões de participantes, sendo considerada a maior parada do mundo.

A principal característica da Parada Gay e dos dias antecedentes a ela é que práticas comumente restritas a ambientes fechados, bares e boates gays, ganham as ruas, onde demonstrações de afeto e carinho entre homossexuais marcam o lugar, o território. [...] Mais do que isso, o evento propicia a oportunidade para intensificar suas experiências como indivíduos e acabam por transgredir os papéis de gênero e fronteiras sexuais socialmente aceitas. [...] Percebe-se que a Parada Gay significa para os homossexuais um dia para extrapolar todo o preconceito e a clandestinidade arraigada em cada indivíduo homossexual. [...] eles se fazem presentes em todos os lugares, mostrando ao mundo sua identidade, gerando uma visibilidade muitas vezes mal compreendida pela sociedade heterossexual. (CHIOCCHETA, AVENA, 2006, p. 14-15)

Não são apenas ações, movimentos e passeatas politicamente organizadas que são consideradas militância. O beijo romântico entre pessoas do mesmo sexo no espaço público ou uma mulher trans exibindo sua feminilidade são atos poderosos e corajosos. Embora a população LGBTQIA+ brasileira esteja passando por um momento difícil, sem ter a garantia de seus direitos, muito foi conquistado nos últimos anos. Algumas das principais conquistas são:

1985: o CFM (Conselho Federal de Medicina) retirou a homossexualidade da lista de patologias. Nos anos seguintes, 1990 e 1992, a OMS (Organização Mundial de Saúde) e a CID (Classificação Internacional das Doenças) se posicionariam da mesma maneira.

1997: ainda por meio de resolução do CFM, as cirurgias de redesignação sexual passaram a ser permitidas legalmente.

2008: o SUS (Sistema Único de Saúde) passa a oferecer o processo de redesignação sexual a mulheres trans.

2010: também pelo SUS, o mesmo processo passa a ser oferecido a homens trans.

2011: é reconhecida pelo STF a união estável entre pessoas do mesmo sexo, tendo os casais direitos como pensão e comunhão de bens.

2018: o STF define que todo o cidadão possui o direito de escolher a forma como quer ser chamado,

dessa forma, permitindo que pessoas trans alterem seu nome e sexo no registro civil sem que se submetam a cirurgia.

2019: O STF determinou que a discriminação por orientação sexual e identidade de gênero passa a ser considerada um crime, pela Lei de Racismo (7716/89).

TUDO ISSO FOI CONQUISTADO COM MUITA LUTA E BARULHO DA POPULAÇÃO LGBTQIA+. FORAM NECESSÁRIOS ANOS PARA DAR OS PASSOS QUE FORAM DADOS E AINDA HÁ MAIS DIREITOS E RESPEITO A SEREM ADQUIRIDOS. OS MOVIMENTOS SOCIAIS E O DIÁLOGO SÃO NECESSÁRIOS, A FIM DE GARANTIR AS VITÓRIAS E NOVAS CONQUISTAS.



Afeto em público
Fonte: <https://poenaroda.com.br/diversidade/estudo-revela-ranking-dos-melhores-e-piores-paises-pra-ser-lgbt-em-2018/>



“Ser Travesti não me faz menos mulher”
Fonte: <https://gay.blog.br/noticias/dia-15-de-maio-e-comemorado-o-dia-do-orgulho-em-ser-trans-travesti/>



Afeto em público
Fonte: <https://jovempan.com.br/noticias/casais-homoafetivos-ainda-enfrentam-limitacoes-para-demonstrar-afeto-em-publico-2015-07-10.html>



“Sou Trans. Sou lésbica. Eu existo”
Fonte: <https://www.brasildefato.com.br/2019/06/21/mulheres-caminham-em-sao-paulo-por-visibilidade-as-lesbicas-e-bissexuais/>

3.2 REFERENCIAIS SIMBÓLICOS/ESPACIAIS

CASTRO DISTRICT - SAN FRANCISCO (EUA)

O bairro Castro fica localizado em San Francisco (EUA) e é um dos primeiros “bairros gay” a surgir nos Estados Unidos. Durante os anos 60 e 70, “the Castro”, como também é chamado, teve um papel importante nos movimentos por direitos LGBTQIA+.

O nome do bairro é em homenagem ao político do século XIX, José Castro, general comandante da Alta Califórnia. Foi o lar de muitos imigrantes irlandese, alemães e escandinavos no final do mesmo século, era composto por fazendeiros e famílias que ocuparam as ruas com casas em estilo vitoriano, as quais algumas ainda permanecem.

Na década de 1930, a classe trabalhadora ocupava o Castro, porém após a Segunda Guerra Mundial a população urbana começou a se mudar para os subúrbios, assim soldados desonrosamente dispensados se mudaram, a maioria acusados de sodomia ou “atos homossexuais”. Na década de 1970, anos de ativismo e crescimento da comunidade levaram a uma aceitação mais ampla e a um bairro que funcionou como um porto seguro para LGBTs.

Em 1977, o ativista Harvey Milk fez sua quarta campanha eleitoral, sendo o ano em que ele finalmente venceu, conquistando seu lugar histórico na luta civil pelos direitos LGBTQIA+. Ele foi a primeira autoridade eleita abertamente gay na Califórnia, porém foi assassinado apenas um ano depois. Menos de uma década depois, a cidade nomeou a estação de metrô Castro MUNI como parte do Harvey Milk Plaza, praça de trânsito em homenagem ao ativista.



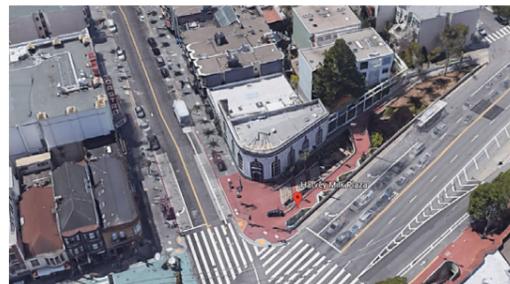
Harvey Milk em 1978
<https://milkfoundation.org/about/harvey-milk-biography/>



Harvey Milk Plaza
Foto: Steven Bracco/Hoodline website



Harvey Milk
<https://www.criterion.com/current/posts/6953-remembering-harvey-milk-on-his-ninetieth-birthday>



Harvey Milk Plaza - vista superior
Google Earth

A comunidade local enfrentou a epidemia nacional nas décadas de 1980 e 1990 com a crise do HIV/AIDS. Lojas foram fechadas, casas estavam à venda e muitos residentes enfrentaram a luta de amigos e entes queridos sendo diagnosticados com o vírus. Durante o verão de 1983, a San Francisco AIDS Foundation trabalhou para educar as pessoas durante a parada de Orgulho Gay de São Francisco, distribuindo preservativos para a multidão. De acordo com a mesma organização, isso “foi um dos primeiros esforços significativos de divulgação para mudar o curso da epidemia”.

Hoje em dia o bairro conta com diversos pontos de encontro, clubes, bares e restaurantes. O bairro se transformou em um refúgio seguro dos dias modernos. O orgulho e celebração se estendem às pessoas que frequentam o lugar e o próprio lugar - em 2014, a cidade colaborou com entidades privadas para criar faixas de pedestres pintadas com o arco-íris, além do resto do bairro ser colorido, com bandeiras do arco-íris em postes e nas fachadas dos estabelecimentos.



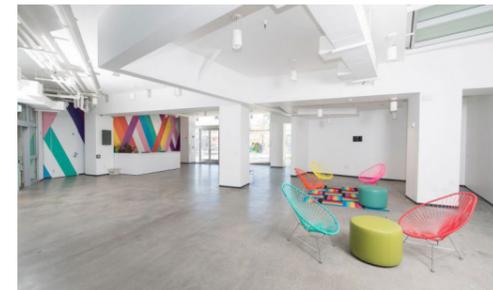
Ruas do Castro
Foto por Milena Brandão



Faixa de pedestres
Foto por Milena Brandão



SF LGBT Center - San Francisco
Foto por Milena Brandão



SF LGBT Center - espaço para eventos
<https://www.sfcenter.org/the-center/>

O bairro ainda conta com o “SF LGBT Center”, uma ONG que atende a comunidade LGBTQIA+ de San Francisco e região. O Centro oferece vários programas e serviços para toda a comunidade, tais como atividades, experiências culturais, eventos e recursos que promovam visibilidade para a cultura, história e diversidade, além de incentivar a sociabilidade e a construção da comunidade. Ajuda na busca por empregos estáveis, realização de workshops personalizados para a população, educação financeira, auxílio na busca por moradia e serviços de saúde mental para a população mais jovem também fazem parte do programa da ONG.



PRÉDIOS ILUMINADOS COM AS CORES DA BANDEIRA

É comum em épocas próximas às Paradas de Orgulho LGBT, ou de datas marcantes para a comunidade, edifícios icônicos serem iluminados com as cores do arco-íris como forma de celebração e orgulho.



Portão de Brandeburgo - Berlim - Alemanha
<https://www.archdaily.com/769278/rainbow-buildings-in-support-of-lgbt-rights>



Congresso Nacional - Brasília - Brasil
<https://observatoriog.bol.uol.com.br/noticias/congresso-nacional-recebe-iluminacao-arco-iris>



Prefeitura de Tel Aviv - Israel
<https://www.archdaily.com/769278/rainbow-buildings-in-support-of-lgbt-rights>

3.2 REFERENCIAIS SIMBÓLICOS/ESPACIAIS

CASA 1 - SÃO PAULO (BR)

CASA DE ACOLHIDA

A república de acolhida foi a primeira frente de atuação da Casa 1. Iniciada em 2017, a partir de financiamento coletivo, já abrigou cerca de 380 jovens LGBTQIA+ expulsos de casa. São no total 20 vagas por um período de quatro meses. Tem a finalidade de ser um casa temporária e realiza um trabalho multidisciplinar para que os jovens desenvolvam independência para se estabilizarem a partir da estada no projeto.

Além da moradia, alimentação e transporte, as pessoas acolhidas recebem suporte de assistência social para organização de documentações, apoio nos processos de de estudos, empregabilidade, atendimentos de saúde clínica e mental, assim como acesso à programação do centro cultural.

Devido a alta demanda, foi preciso limitar o acesso a moradia - ter entre 18 e 25 anos e ser da cidade de São Paulo.



<https://www.casaum.org/centro-de-acolhida/moradia/>



<https://www.casaum.org/centro-de-acolhida/moradia/>

CLÍNICA SOCIAL

Inicialmente localizado junto ao espaço do Centro Cultural (Galpão Casa 1), em maio de 2019, a Clínica Social Casa 1 ganhou uma sede própria na Rua Lettieri, 65 e conta com 10 salas de atendimento individual, atendendo cerca de 120 pacientes por mês.

Os serviços ofertados são: atendimento psicoterápico continuado, atendimento psiquiátrico, acompanhamento com nutricionistas, plantão de escuta e diversas terapias complementares. Os profissionais passam por um processo de seleção e formação para o atendimento de populações vulneráveis.

Essas modalidades são ofertadas gratuitamente ou com valores sociais, a fim de permitir um atendimento acessível. A Clínica Social Casa 1 também atua em pesquisa e produção de saberes e projetos formativos.



<https://www.casaum.org/clinica-social/>



<https://www.casaum.org/clinica-social/>

CENTRO CULTURAL

O Centro Cultural Casa 1, também conhecido como Galpão Casa 1, está localizado na Rua Adoniran Barbosa, 151 e foi inaugurado meses depois da Casa de Acolhida, em outubro de 2017. É um lugar de experimentações com 400 m² e sua função central é promover atividades socioeducativas ao público.

Já contou com “aulas de inglês, espanhol, português para estrangeiros, curso preparatório para o ENEM, escrita, costura, modelagem, maquiagem, teatro para adultos e crianças, lutas como taekwondo, boxe, aulas de auto defesa, yoga, tai chi chuan, culinária, danças como forró, vogue, hip hop e dança contemporânea, entre outras.”

Além disso: aulas, cursos, workshops, palestras, exposições, peças de teatro, shows e feiras. Um dos objetivos da criação do Centro Cultural era: “ter um espaço físico para projetos, em especial LGBT, pudessem colocar em prática atividades que não poderiam por falta de local.”

O Galpão tem como proposta a gratuidade e atendimento universal e também sedia o Averno Pajuba - “iniciativa de catalogação e memória LGBT que conta com mais de três mil itens”: acervobajuba.com.br



<https://www.casaum.org/centro-cultural/>



<https://www.casaum.org/centro-cultural/>

REPRESENTATIVIDADE

4.1 CHAPECÓ CAPITAL DO OESTE

Chapecó, também conhecida regionalmente como “Capital do Oeste” é um município catarinense localizado no Sul do Brasil. Pertence à região oeste do estado, sendo a maior cidade em população de seu contexto regional. Sua rede de influência (econômica, cultural ou política) além de abranger o oeste do estado, é exercida no noroeste Gaúcho e Sudoeste Paranaense. Sua região de polarização conta com cerca de 1.453.713 habitantes (IBGE, 2018).

De acordo com o último censo feito pelo IBGE (2010), Chapecó conta com 183.530 habitantes, 293,15 hab/km² de densidade e tendo uma população estimada de 224.013 para 2020. É considerada um importante centro industrial, destaque em exportação para a o setor agroindustrial do ramo alimentício, financeiro e educacional, sendo a cidade sede da Universidade Federal da Fronteira Sul criada oficialmente por lei em 2009. Encontra-se a aproximadamente 550km da capital estadual, Florianópolis.

Possui temperatura média anual entre 18°C – 19°C, média de umidade relativa do ar em 76% a 78% e com estações do ano bem definidas. Conforme a classificação climática de Köppen-Geiger, proposta pelo climatologista russo Wladimir Köppen, e aperfeiçoada pelo, também climatologista, alemão Rudolf Geiger, Chapecó está inserida numa área de clima subtropical úmido. Segundo Sartori,

Assim, a posição subtropical faz com que a região de Chapecó seja área de confronto periódico entre forças opostas, provocado pelo avanço sistemático dos Sistemas Atmosféricos de origem polar em direção aos polos tropicalizados (Massa Polar Velha - MPV) ou aos sistemas de origem tropical (Massa Tropical Atlântica ou Continental), proporcionando a distribuição das chuvas durante todo o ano, motivada pelas sucessivas passagens frontais, sem ocorrência de estação seca no regime pluviométrico (SARTORI, 2003, p.28 apud COSTA, 2015, p. 61).

A região em que a cidade está inserida engloba áreas de influência de missões jesuíticas e disputada entre povos indígenas, bandeirantes de São Paulo e o exército brasileiro. Também foi disputada entre Brasil e Argentina e entre os estados do Paraná e Santa Catarina. “Com a Lei de Terras, instaurada em 1850, a invasão de não indígenas aos campos Kaingang se intensificou e tornou-se mais agressiva.” (DILL, PIOVEZANA e SANTOS, 2020). Ainda de acordo com os mesmo autores:

A população indígena Kaingang, habita o espaço que compreende atualmente o município de Chapecó, desde antes da configuração formal da cidade. As relações construídas historicamente entre indígenas e não indígenas são marcadas por contínuos processos de dominação e ações do Estado e dos ditos “desbravadores” do oeste na direção da exterminação dos povos indígenas

e da invisibilização de sua permanência na cidade. (DILL, PIOVEZANA e SANTOS, 2020, p.231)

Chapecó surgiu como município em 1917, com uma área de 14.053 km², abrangendo toda a área que hoje é o Oeste Catarinense. Sua sede municipal mudou diversas vezes entre 1917 e 1931, até que por fim, a motivos políticos e econômicos passou para a localidade de Passo dos Índios, na atual Chapecó (BELLANI, 1990 apud LABES, 2017, p. 06). A área do município atualmente é de 624,8 km².

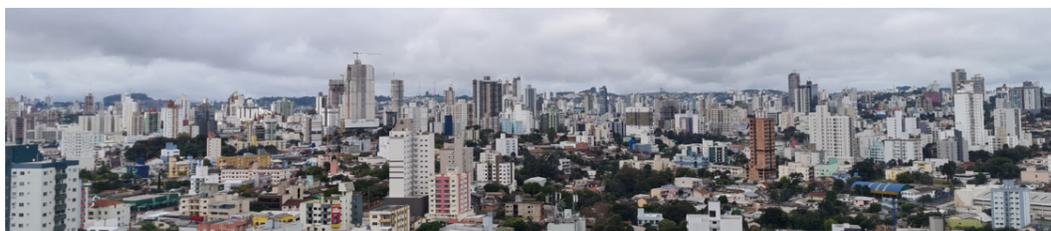
Nas décadas seguintes a cidade recebeu projetos de planejamento urbano, onde desenhou-se o traçado em malha xadrez, cruzamentos ortogonais, avenidas largas, dando a alusão a uma cidade com expectativa de crescimento e seguindo a lógica desenvolvimentista da época, governo de Getúlio Vargas e do movimento moderno.

As décadas de 60, 70 e 80 foram marcadas pela agro-industrialização e o êxodo rural, negligenciando problemas sócio territoriais, tais como a contínua invisibilização dos povos nativos da região e o aumento das desigualdades sociais, em nome do desenvolvimento e progresso.

[...] se pensa que o “desenvolvimento” que a Europa seguiu deve ser seguido unilinearmente por todas as outras sociedades. Toda cultura deve “modernizar-se” para progredir, ou seja, seguir um processo que geralmente envolve a destruição total de povos e culturas; o eurocentrismo e a falácia do desenvolvimento são duas versões da mesma ideia. (DILL, PIOVEZANA e SANTOS, 2020, p.228)

A década de 1990 abre espaço para a consolidação do setor terciário na economia do município. A procura por comércio e serviços aumenta conforme a necessidade da população urbana, bem como a especulação imobiliária, permitindo a verticalização dos edifícios.

Os primeiros anos do século XXI foram marcados pela aprovação de muitos loteamentos, 52 entre os anos de 2000 até 2009, que seguiam ignorando problemas sociais e ambientais abafados pela priorização dos interesses privados (agronegócio, mercado imobiliário...). Assim, percebe-se que os rumos urbanísticos de Chapecó, por seu histórico de crescimento populacional e econômico, estão ligados diretamente ao mercado e a influência da elite local.



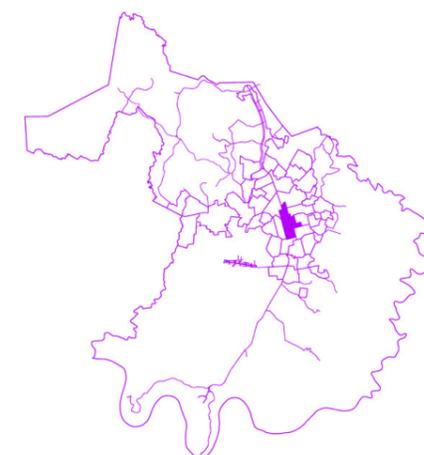
Cidade de Chapecó
Foto do autor



Mapa do Brasil
Edição do autor



Mapa de Santa Catarina
Edição do autor



Mapa de Chapecó, centro em destaque
Edição do autor

4.2 O “DESBRAVADOR”

O “Desbravador” é uma figura e símbolo da colonização do atual Oeste Catarinense. Foi inaugurado no começo da década de 80 para enaltecer os colonizadores da região, responsáveis por o que foi chamado de “progresso”. De um lado o crescimento urbano e econômico, a instalação das agroindústrias e o enriquecimento da elite local, do outro a ocultação da história das populações indígenas que já se encontravam na região muito antes dos colonizadores e que sofreram extremamente com o processo violento da colonização. (DILL, PIOVEZANA e SANTOS, 2020)

Está localizado junto a Catedral Matriz e a praça central da cidade. Nas proximidades se encontram os edifícios dos principais órgãos públicos. Vale ressaltar que, segundo os autores: “O lugar onde atualmente está localizada a Praça Coronel Bertaso, a Igreja Matriz e a estátua do desbravador, de acordo com os relatos de anciãos indígenas, configura o local do primeiro grande acampamento Kaingang”. Assim:

Este lugar que representava segurança e lar para os indígenas, atualmente é um dos principais lugares de afirmação da colonização e na dominação. A começar pelo nome da praça, que recebe o nome de um coronel, passando pelas inúmeras cenas de discriminação observadas cotidianamente quando os indígenas tentam vender seu artesanato e finalizando com a própria relação do grupo com a Igreja católica. (DILL, PIOVEZANA e SANTOS, 2020, p.232)

A população indígena não é valorizada e respeitada por suas diferenças e sua diversidade cultural. Aos olhos dos “Desbravadores” o progresso é representado pela “substituição da população e cultura existentes por um modo de vida monocultural e igualmente eurocêntrico” e se tornam agentes responsáveis pelo apagamento violento da marca desses povos na região. (DILL, PIOVEZANA e SANTOS, 2020)

O monumento em si é mais complexo que isso, porém, de maneira específica, também estabelece uma representação de homem tida como verdadeira. O “Desbravador” tem em si a figura do homem, cisgênero, branco e heteronormativo, que por ser colonizador, busca homogeneizar a diferença, estabelecendo uma norma que atua como produtora de expressões desviantes (LOURO, 2008). Nesse caso, a norma além de ser não-indígena, isto é, branca, também compõe uma forma de virilidade valorizada que, por sua vez, estabelece outras a serem subalternizadas (RESTIER, 2019). A forma como este monumento é um dos principais pontos de referência da cidade, constitui uma via de mão dupla, através do qual recomenda-se, cotidianamente, uma forma ideal de ser homem, ao mesmo tempo que representa um reflexo da construção normativa de gênero e sexualidade da própria população.



1ª Parada de Luta LGBT do Oeste Catarinense. “Desbravador ao fundo”

Fonte: <https://www.facebook.com/unalgbtchapeco>



Catedral Matriz da cidade
Foto do autor

4.3 A CIDADE DE CHAPECÓ POR LGBTS

4.3.1 METODOLOGIA

Como metodologia de pesquisa optou-se pela coleta de dados por meio da realização de entrevistas com pessoas LGBTs que nasceram, residem ou já residiram na região de influência da cidade de Chapecó. Pesquisas qualitativas na área de sociologia envolvem trabalhar com significados, motivações, valores, crenças e vivências, fatores que não podem facilmente serem reduzidos a dados quantitativos, pois dizem respeito a noções particulares (MINAYO, 1996 apud BONI e QUARESMA, 2005, p. 70).

Segundo Haguette (1997, p.86) a entrevista pode ser definida como um “processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado”. A partir dela, busca-se obter informações e dados, objetivos e subjetivos. Enquanto os dados objetivos podem ser obtidos através de fontes secundárias, como censos e estatísticas, por exemplo, dados subjetivos são obtidos através das entrevistas, pois se relacionam às particularidades dos sujeitos.

Para a etapa de planejamento da entrevista, foi considerado como objetivo a ser alcançado: traçar o panorama das experiências e vivências de pessoas LGBTs da região de Chapecó, com a finalidade de entender suas dificuldades, demandas e necessidades. A modalidade de entrevista escolhida foi a semiestruturada, sobre essa modalidade Boni e Quaresma discorrem:

As entrevistas semi-estruturadas combinam perguntas abertas e fechadas, onde o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto. O pesquisador deve seguir um conjunto de questões previamente definidas, mas ele o faz em um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal. O entrevistador deve ficar atento para dirigir, no momento que achar oportuno, a discussão para o assunto que o interessa fazendo perguntas adicionais para elucidar questões que não ficaram claras ou ajudar a recompor o contexto da entrevista, caso o informante tenha “fugido” ao tema ou tenha dificuldades com ele. Esse tipo de entrevista é muito utilizado quando se deseja delimitar o volume das informações, obtendo assim um direcionamento maior para o tema, intervindo a fim de que os objetivos sejam alcançados. (BONI e QUARESMA, 2005, p. 75)

Como vantagens desse tipo de entrevista pode-se citar: boa amostra da população de interesse, pode-se entrevistar pessoas que não sabem ler ou escrever, flexibilidade em relação a sua duração, possibilita uma abertura e proximidade entre o entrevistador e o entrevistado, favorecendo a espontaneidade das respostas (questões inesperadas podem surgir, podendo ser de grande utilidade para a pesquisa. Em relação às desvantagens cita-se a insegurança que pode surgir no entrevistado em relação ao seu anonimato, fazendo com que o sujeito retenha informações importantes.

Os entrevistados foram contatados, a fim de assegurar a disponibilidade de participação, bem como as condições de anonimato de suas identidades. Além disso, foi organizado um roteiro com perguntas e tópicos de interesse para guiar a entrevista. De acordo com Boni e Quaresma, “o conhecimento ou familiaridade com o tema evitará confusões e atrapalhos por parte do entrevistador, além disso, perguntas claras favorecem respostas também claras e que respondem aos objetivos da investigação.”

Todas as entrevistas foram antecedidas por uma conversa informal e amistosa sobre qualquer tema do cotidiano, após se explicou a finalidade da entrevista, o objetivo da pesquisa e a importância da participação no estudo. Após o rapport (quebra de gelo) ter sido estabelecido, deu-se início ao roteiro e entrou-se no tema central:

- 1) Qual a sua percepção da situação da comunidade LGBTQIA+ de Chapecó e região?
- 2) Chapecó tem lugares de sociabilidade (lazer) LGBTQIA+? Quais? Você os frequenta?
- 3) Você se sente seguro em frequentar todos os lugares da cidade?
- 4) Você sente que a população LGBTQIA+ é respeitada pelas pessoas ou autoridades da cidade?
- 5) Você nota avanço ou algo que aconteceu em Chapecó que mudou a relação da cidade com a comunidade LGBTQIA+?
- 6) O que você acha sobre a parada LGBTQIA+ que acontece em Chapecó?
- 7) Você acha que existe preconceito dentro da comunidade LGBTQIA+?
- 8) Como foi crescer na região oeste de Santa Catarina? (para quem passou a infância e juventude na região)
- 9) Você já sofreu LGBTfobia?
- 10) Há algum outro tema que você gostaria de abordar e que não tenha sido tratado nas questões anteriores?

Foram realizadas 7 entrevistas no total com 8 pessoas. Participante 1: mulher cis, 25 anos, bissexual. Participante 2: homem cis, 24 anos, homoafetivo. Participante 3: mulher cis, 27 anos, bissexual. Participante 4: mulher cis, 31 anos, homoafetiva e Participante 5: mulher cis, 26 anos, homoafetiva, foram entrevistadas juntas. Participante 6: homem cis, 22 anos, homoafetivo. Participante 7: homem cis, 30 anos, homoafetivo. Participante 8: mulher trans, 26 anos, heterossexual. As entrevistas foram todas transcritas com a finalidade de obter uma análise coerente dos dados coletados. Para isso optou-se por usar a metodologia da codificação teórica, procedimento que analisa os dados coletados para desenvolver uma teoria fundamentada (FLICK, 2009).

“A codificação é aqui entendida como representação das operações pelas quais os dados são fragmentados, conceitualizados e reintegrados de novas maneiras. Este é o processo central por meio do qual as teorias são construídas a partir dos dados.” (Strauss e Corbin, 1990/1998, p. 3 apud Flick, 2009, p. 277). Partindo dos dados, o processo de codificação auxilia na elaboração de teorias por meio de um processo de abstração e seu desenvolvimento envolve a formulação de categorias/conceitos e das relações existentes entre eles.

Os códigos e categorias criados são: Mobilização, visibilidade e representatividade - Preconceito - Influência Regional - Lugares/Eventos de sociabilidade/lazer - Segurança e Respeito - Relatos Pessoais - Outros.

4.3.2 REGISTROS

‘MOBILIZAÇÃO, VISIBILIDADE E REPRESENTATIVIDADE’

A categoria “Mobilização, visibilidade e representatividade” refere-se às respostas em que os(as) entrevistados apontaram avanço na pauta LGBTQIA+ no contexto de Chapecó, sendo esse avanço englobado pelo surgimento e presença da UNA (União Nacional LGBT) na cidade, maior representatividade política municipal, a criação da “Parada de Luta LGBT do Oeste Catarinense”, a atuação das Universidades da região, inclusive com seu papel de atrair pessoas de fora e do próprio avanço da internet, que proporcionou, de certa forma, um acesso maior a representatividade LGBTQIA+.

Alguns exemplos de trechos dessa categoria são:

“Mas eu vi que começou rolar bastante mobilização aqui na região quando surgiu a UNA” (Participante 1)

“Sim. Nessas últimas eleições a gente teve muito mais candidatos do meio. Não que eles foram eleitos, mas as pessoas viram eles estavam publicamente disponíveis aí pro voto do público e eu acho que isso é o que mostra o maior, não sei respeito no sentido de aceitação, mas pelo menos uma forma de incluir em outros lugares e a política, acho que ainda é um lugar de maior visibilidade. Então sim, temos um avanço.” (Participante 7)

“Mas eu vejo avanços em questão da aceitação da Parada, que está fortalecendo cada vez mais. Eu nunca fui porque sempre coincidiu em um momento que eu não podia ir, mas é uma coisa que está se fortalecendo bastante na cidade. Eu acho que ter isso já é um grande avanço [...] Chapecó se abriu, se desabrochou bem mais com o avanço, com a instalação, com a criação da parada aqui.” (Participante 2)

“Eu acho que as Universidades, tanto a Unochapecó quanto a UFFS, elas foram de grande valia para mudar um pouco a diversidade da própria Cidade né. Uma porque vem pessoas do Brasil todo, por causa do Prouni na Unochapecó e por causa da própria UFFS e isso faz com que tenha um tipo de diversidade, que é a diversidade cultural.” (Participante 3)

“E está cada vez mais comum a gente ver pessoas da nossa comunidade tendo a oportunidade de explicar algo, contar algo. O YouTube hoje cresceu muito. Então muitas pessoas assistem influenciadores, enfim pessoas da mídia, que na minha época há dez anos atrás eu não tinha isso. Então eu também não sabia o que era ser uma mulher trans. Eu não tinha referências nenhuma.” (Participante 8)

“Hoje na universidade, tu pode falar, abordar esses assuntos, sempre tem quem vai acolher e querer falar e defender.” (Participante 4)



Cartazes de divulgação da Parada de Luta LGBT do Oeste Catarinense
Fonte: <https://www.facebook.com/unalgbtchapeco>



CHAPECÓ SEDIA A PARADA DE LUTA LGBT DO OESTE CATARINENSE, QUE ACONTECE DESDE 2016. ELA ATRAI PESSOAS DA REGIÃO E TAMBÉM DOS ESTADOS VIZINHOS, PARANÁ E RIO GRANDE DO SUL. A ÚLTIMA PARADA PRESENCIAL FOI A QUARTA EDIÇÃO, QUE ACONTECEU EM 2019.

‘PRECONCEITO’

A categoria “Preconceito” refere-se às respostas em que os(as) entrevistados relataram preconceitos de forma geral, na infância e no ambiente de trabalho, caracterizando a população da região como preconceituosa e heteronormativa. Além disso, foi comentado sobre interferências em espaços e momentos de sociabilidade LGBTQIA+, preconceito entre a própria comunidade, situações de pessoas expulsas de casa, estereotipagem da comunidade e obrigação em cumprir regras sociais heteronormativas.

Alguns exemplos de trechos dessa categoria são:

“É uma cidade bem preconceituosa. Quando o Bolsonaro se elegeu, eu vi vários amigos que sofreram pressão psicológica digamos assim que foram estavam no banco e aí um segurança conversando com uma pessoa assim na fila falando assim “ai agora na hora que o Bolsonaro se elegeu a gente não tem que aturar mais essas bichinha e não sei o quê”. Então se um segurança de um banco que por mais que seja um banco privado, é uma instituição que está aí para servir. Se segurança aquele espaço que te dá segurança fala uma coisa dessas, você não se sente seguro na cidade.” (Participante 2)

“Chapecó é uma cidade que mascara muito o preconceito e essas pessoas também acabam se mascarando no dia a dia.” (Participante 6)

“Por mais que desde criança eu já não tivesse.. já fosse criança viada que tipo na escola era chamado de viado. Nunca sofri assim fisicamente tipo agressão, preconceito físico. Por conta disso, mas verbal sempre rolou porque é o viadinho, é aquela gayzinha que fica andando só com as meninas. Tipo não fica com os guri, não vai jogar bola, fica lá brincando de casinha [...] Então não é física, mas te retrai muito, tipo tu viver numa cidade assim que é bastante heteronormativa e bastante homofóbica pode não te agredir, mas te priva de muita coisa.” (Participante 2)

“já tava em trabalho e sofri preconceito no trabalho, teve uma cliente que uma vez quando eu tava fazendo medição de um projeto para ela, a gente foi lá medir na casa dela, quando eu cheguei no escritório o meu chefe falou assim pra mim “[nome do participante], a cliente não vai fechar com nós, porque tu é gay”. (Participante 6)

“quantas vezes no Cubo que eu tava lá o corpo de bombeiro fazer questão de fazer vigilância, conferência de obra, de projeto durante as festas sabe? sendo que eles fazem isso durante o dia, eles não fazem isso fora do horário comercial, eles iam em horário de festa, ia a galera da polícia e da vigilância lá fazer só pra dar, fazer uma margem e dar uma assustada sabe? Isso é muito foda aqui em Chapecó.” (Participante 6)

“todos nós nascemos numa sociedade patriarcal, machista, tudo isso. Então o preconceito é estruturado na gente, até por isso que é tão difícil para muita gente se libertar dessas amarras e dizer em voz alta “Eu sou Lésbica”, “ Eu sou Bissexual”, por causa que o preconceito é tão estruturado que a nossa própria mente nos machuca e a gente reproduz.” (Participante 3)

“Não vou especificar que isso acontece aqui em Chapecó, eu acho que existe de maneira geral, toda comunidade LGBT, a gente tem muito preconceito. A gente vê o preconceito com pessoas afeminadas, a gente vê com drag queens, a gente vê com travestis, a gente vê com transexuais, a gente vê com cada sigla do LGBTQIA+PN, a gente vê muito preconceito e pior desse preconceito não é nem ele existir, é a pessoa não ter capacidade de se desconstruir quanto a isso.” (Participante 6)

“Nossa, tem muita gente que é expulso de casa em Chapecó ainda, que não comenta por vergonha, pelos pais serem assim.” (Participante 4)

‘INFLUÊNCIA REGIONAL’

A categoria “Influência Regional” refere-se às respostas em que os(as) entrevistados apontaram a influência que Chapecó exerce na comunidade LGBTQIA+, não só de maneira municipal, mas também regional e interestadual.

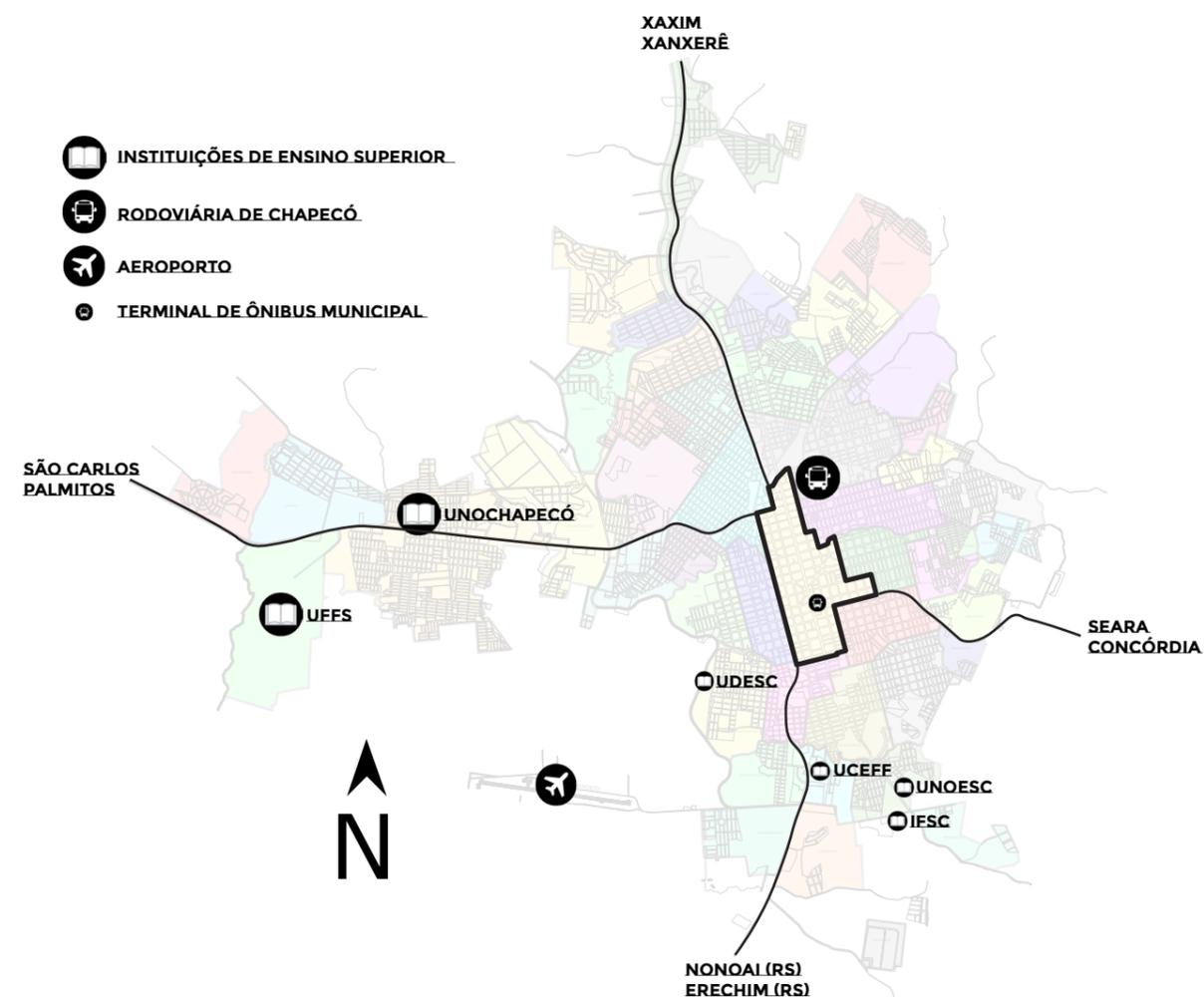
Alguns exemplos de trechos dessa categoria são:

“Não só gay mas falando gay em si, porque vêm pessoas de todo o país estudar para a cá, como é federal como uma instituição que pega três estados né. Então eu acho que mudou bastante.” (Participante 2)

“Cidade menores acontece isso, de eles vir pra Chapecó por acontecer isso [pessoas serem expulsas de casa]” (Participante 4)

“esse evento [a Parada], sendo que está numa escala tão grande, tipo igual eu falei, pessoas do Paraná estão indo, pessoas lá de Erechim já foram. Eu lembro que na época que eu morava em Erechim, eu participava de um grupo de mulheres feministas e toda vez que tinha parada a gente organizava uma van para ir.” (Participante 3)

“A comunidade LGBT de Chapecó, tem bastante gente que vem de fora morar pra Chapecó, então esse é um processo bem legal das pessoas virem pra cá morar. Eu sou de uma cidade próxima, então eu vim pra cá também, e isso é o que constrói a comunidade LGBT de Chapecó um pouco, são várias pessoas” (Participante 6)



Mapa do perímetro urbano de Chapecó. Em destaque o centro da cidade, seus principais acessos, equipamentos de transporte municipal e interestadual e as Instituições de Ensino Superior.
Edição do autor

‘LUGARES/EVENTOS DE SOCIABILIDADE/LAZER’

A categoria “Lugares/Eventos de sociabilidade/lazer” refere-se às respostas em que os(as) entrevistados listaram onde, como e momentos em que a população LGBTQIA+ se reúne para socializar e quais as atividades disponíveis de lazer direcionadas ao público. Foram citados a balada Cubo Multicultural (por todos os entrevistados), o pub PW, o Mercado e Padaria Altas Horas, a “Parada de Luta LGBT do Oeste Catarinense”, a feira multicultural “Cansei, vou viver de arte na praça”, o estacionamento da “Havan” à noite e lugares públicos apropriados pela comunidade.

Alguns exemplos de trechos dessa categoria são:

“o Cubo meio que virou um ponto de encontro dessa galera.” (Participante 1)

“também em outros bares também que que tem esses encontros, mas os que eu mais vejo assim mesmo é a Cubo, a PW, Altas horas. As instituições [Universidades] também têm.” (Participante 2)

“pensando a nível econômico, movimenta comércio né, é um movimento de rua, um espaço de rua, então é seguro para todos, é algo que, é um evento gratuito, um evento aberto, são muitos pontos positivos.” [sobre a Parada em Chapecó] (Participante 3)

“Tinha os encontros do Altas horas ne? Que a polícia sempre foi interferir, até na frente do Cubo também.” (Participante 5)

“O Cansei... Tinha apresentações artísticas, músicos, não só canto, mas também violão, instrumentos e tal, às vezes realmente o pessoal da musica tava sempre presente, durante o dia a galera ia vender a arte e tal, tinha as barraquinhas e tal, tinha apresentações culturais de diversos tipos, então isso era bem legal.” (Participante 6)

“Então, mas existem essas outras possibilidades, e outra coisa que a gente faz muito rolê na rua... galera se junta. [...] Posto, conveniência, praça, Havan, lugares assim, lugares públicos onde a circulação é livre. Não necessariamente um empreendimento.” (Participante 7)

“eu achei o máximo assim, as mana tudo com as perucas, maquiadas, eu achei incrível, foi bem legal, mas foi as únicas vezes assim que eu fiquei muito feliz, porque estar dentro de um espaço, assim, aí eu achei incrível e ver todo mundo assim ninguém ligando pra nada, tinha héteros, mas era o espaço nosso, sabe? tocando as nossas músicas, a gente dançando, nossa foi incrível.” (Participante 8)

‘SEGURANÇA E RESPEITO’

A categoria “Segurança e Respeito” refere-se às respostas em que os(as) entrevistados indicaram as situações e os lugares em que se sentem ou não seguros e são ou não respeitados. Além disso, foi citado em 4 das 7 entrevistas circunstâncias nas quais as pessoas se sentem seguras, porém apenas por mascararem suas sexualidades e expressões. Privilégios sociais - por performar expressões de gênero heteronormativas, de raça e classe que algum grupo possua, também foram citados como indicativos de segurança ou respeito.

Alguns exemplos de trechos dessa categoria são:

“Elas [a população LGBT de Chapecó] nem são vistas na verdade. Respeitadas já é um desejo além de ser vista.” (Participante 2)

“por ter uma estética padrão eu não me sinto tanto ameaçado, por ser branco também, vou num shopping da vida não tem um segurança atrás de mim, não tem uma pessoa me olhando torto, então tenho esse privilégio de condição social.” (Participante 2)

“tipo aí em Chapecó... sim eu via preconceito, várias questões que aqui também ocorre, mas eu via a tribo nossa entendeu? E eu via gente se organizando de alguma forma. Isso de uma maneira ou outra, acalanta um pouco o coração e dá um pouco de segurança, de esperança também, sabe?” (Participante 3)

“É... a gente aprendeu que tem que ser discreta, a gente se adaptou que tem que ser discreta ne? Mas tipo se eu tivesse que andar de mão dada com ela num restaurante, não é... eu já penso assim, às vezes pega uma família revoltada e eu passar de mão dada com ela, daí sei lá o pai se revoltar e me dá uma cadeirada quando eu der as costas, porque eles fazem isso né? Mas a gente se sente segura por não fazer nada, só por isso.” (Participante 4)

“Não, até essa questão, tipo a galera que tem, tu vê ne, que alguns guris tem o estilo diferente e tal, tá andando na rua, a galera dá risada, isso é falta de respeito já. Tu vai numa loja, já te olham da cabeça aos pés. Eu vou numa loja, se eu não vou pra comprar um vestido, daí as mulher já acham estranho... tu sente, tu não comenta, mas tu sente que elas já estão adaptadas ao padrão das meninas que vão pra comprar vestido e tudo mais né?” (Participante 4)

“tu vê poucos casais LGBT de mão dadas assim na rua, muito pouco que tu vê, porque a galera não se expõe, a galera tem muito medo de se expor.” (Participante 6)



Parada avançando pela Avenida Getúlio Vargas - Principal via do centro da cidade

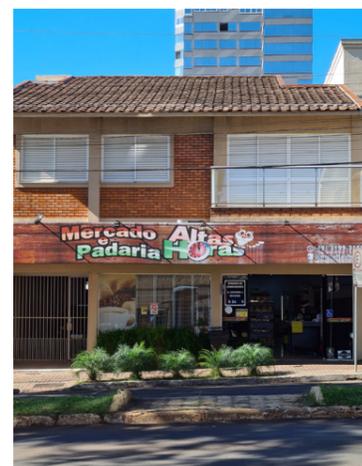
Foto: Fabio Lange

Fonte: <https://www.facebook.com/unalgbtchapeco>



“Cubo - Multicultural” - espaço privado de sociabilidade LGBTQIA+

Foto do autor



“Mercado e Padaria Altas Horas”

Foto do autor



“Estacionamento da Havan”

Foto do autor



“Calçadão” da cidade

Foto do autor

RELATOS PESSOAIS

A categoria “Relatos Pessoais” refere-se às respostas em que os(as) entrevistados narraram acontecimentos pessoais, não necessariamente apresentando similaridades em suas experiências, porém de interesse a pesquisa.

Alguns exemplos de trechos dessa categoria são:

“Eu sou bissexual, mas faz tanto tempo que não pego homem que eu nem sei mais como lidar.” (Participante 3)

“Então eu sempre tava envolvida com cursos tipo teatro, violão, cursos que envolviam arte, e no teatro, a minha professora, ela era lésbica, não que isso me influenciou nem nada, mas eu acho que estar envolvido com algum curso, com cursos variados, que aumentava a minha expressividade, me ajudou muito a tentar me compreender. Porque eu vejo tipo, para outras pessoas que também nasceram na região e eram lésbicas, elas demoraram muito mais que eu para sentir a vontade consigo mesmo.” (Participante 3)

“eu comecei a trabalhar na loja de móveis planejados aqui, dai eu vim pra cá, dai eu comecei a conhecer a cidade e tal, comecei a quebrar o meus sonho de princesa que eu achei que seria Chapecó.” (Participante 6)

“eu acho que para uma criança viada, o processo de crescimento ele é meio padrão né, entra todo aquele processo de não aceitação, e tudo mais, eu sempre fui uma criança viada, sempre tive as meninas como minhas amigas e sempre era isso” (Participante 6)

“Eu vejo assim tipo hoje pelos meus amigos que estão no meu círculo de amizade. Que são todos LGBTQIA+. Eu me sinto uma mãezona. Então eu me preocupo. A gente senta e conversa... roda de conversa tem que ter sempre” (Participante 8)

OUTROS

A categoria “Outros” refere-se às respostas em que os(as) entrevistados ofereceram informações válidas que não se encaixaram em nenhuma das categorias anteriores, mas que também não configurariam a criação de novas categorias.

Alguns exemplos de trechos dessa categoria são:

“Até se você quer abrir um lugar assim, pra dar oportunidade pra essa galera também, que não conseguiria emprego, sabe?” (Participante 4)

“Eu acho que seria interessante tipo além, não só abrigar, mas também montar algo que empregasse pessoas que necessitam do emprego ou primeiro emprego às vezes, seria bem interessante.” (Participante 4)

“Eu acho que a gente tem que ter bastante apoio psicológico... é o principal.” (Participante 8)



Performances durante a quarta Parada de Luta LGBT do Oeste Catarinense

Fonte: <https://www.facebook.com/unalgbtchapeco>

--- TRAJETO TRANSPORTE PÚBLICO

PONTOS DE ÔNIBUS

TRAJETO EXISTENTE DA PARADA DE ORGULHO LGBT

EDUCAÇÃO

- 1 UFFS (REITORIA)
- 2 EEB MARECHAL BORMANN
- 3 UDESC

INSTITUCIONAL

- CATEDRAL MATRIZ
- 1 SECRETARIA REGIONAL / SECRETARIA ESTADUAL
- 2 PREFEITURA MUNICIPAL
- 3 SECRETARIA DE EDUCAÇÃO
- 4 SINE-SC, IPREV, FATMA, 12 DELEGACIA DE POLÍCIA
- 5 CORREIOS
- 6 POLÍCIA MILITAR
- 7 MUSEU DE HISTÓRIA ARTE DE CHAPECÓ - MHAC E MUSEU ANTONIO SELISTRE DE CAMPOS - MASC
- 8 RESTAURANTE POPULAR 'BANDEJÃO' E BALCÃO MUNICIPAL DE EMPREGOS
- 9 DELEGACIA DE PROTEÇÃO À CRIANÇA, ADOLESCENTE, MULHER E IDOSO
- 10 JUSTIÇA DO TRABALHO
- 11 BIBLIOTECA PÚBLICA
- 12 POLÍCIA FEDERAL
- 13 BATALHÃO DA POLÍCIA MILITAR
- 14 CORPO DE BOMBEIROS
- 15 VILA MILITAR

ECO PARQUE

PRAÇA CORONEL BERTASO

SAÚDE

- 1 HOSPITAL PARTICULAR
- 2 POSTO DE SAÚDE NORTE

ESPAÇO DA PROPOSTA

COMÉRCIO

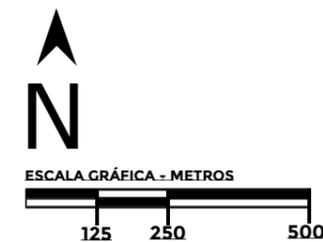
- 1 CAMELÓDROMO
- 2 MERCADO PÚBLICO

TRANSPORTE

- 1 TERMINAL DE ÔNIBUS MUNICIPAL
- 2 RODOVIÁRIA DE CHAPECÓ

OCUPAÇÕES LGBT

- 1 BALADA CUBO MULTICULTURAL
- 2 MERCADO ALTAS HORAS
- 3 PUB PW
- 4 ESTACIONAMENTO DA HAVAN



4.3.3 RESULTADOS

A partir da categorização por trechos das entrevistas transcritas, foi possível mencionar a quantidade de trechos por categoria. Mobilização, visibilidade e representatividade: 48; Preconceito: 90; Influência Regional: 13; Lugares/Eventos de sociabilidade/lazer: 35; Segurança e Respeito: 23; Relatos Pessoais: 27 e Outros: 17.

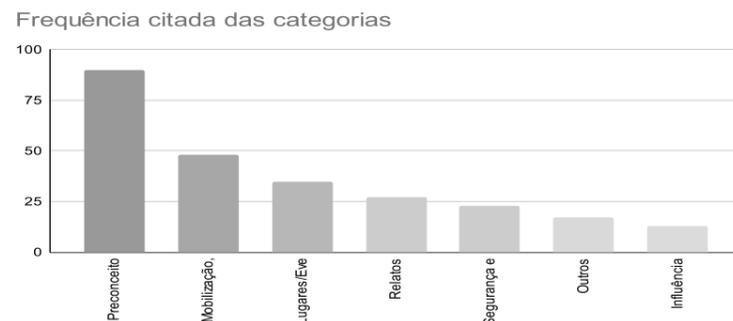


Gráfico 1

Além disso, com a finalidade de interpretar melhor os resultados, foi utilizado o software IRAMUTEK:

(Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires), criado por Pierre Ratinaud e mantido até 2009 na língua francesa, mas que atualmente conta com dicionários completos em várias línguas. O IRAMUTEK é desenvolvido na linguagem Python e utiliza funcionalidades providas pelo software estatístico R. No Brasil, ele começou a ser utilizado em 2013 em pesquisas de representações sociais, entretanto, outras áreas também se apropriaram do seu uso, e contribuem para a divulgação das várias possibilidades de processamento de dados qualitativos, visto que permite diferentes formas de análises estatísticas de textos, produzidas a partir de entrevistas, documentos, entre outras. (SOUZA, et al, 2003, p.28 apud COSTA, 2015, p. 61).

Uma das funcionalidades do IRAMUTEK utilizada para essa pesquisa, é a da construção da árvore de coocorrências por meio da análise de similitude, que utiliza-se de um grafo para representar a ligação entre as palavras do corpus textual, e por fim nos permite identificar as coocorrências entre as palavras, trazendo indicações da conexidade entre elas, a fim de auxiliar na identificação da estrutura da representação. (CAMARGO e JUSTO, 2013).

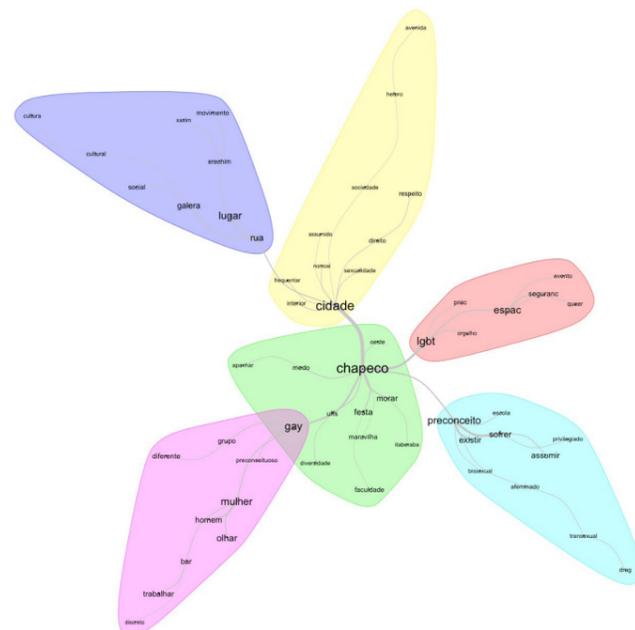


Gráfico 2

De acordo com o que pode ser observado no primeiro gráfico (Gráfico 1) a frequência das categorias podem ser consideradas equilibradas, com exceção das duas categorias mais expressivas: Preconceito (90 trechos) e Mobilização, visibilidade e representatividade (48 trechos). Dessa forma, pode-se concluir que o preconceito e o conservadorismo permanecem presentes, ainda mais quando consideramos que grande parte dos trechos das entrevistas acabavam por entrar nesse assunto. Em contrapartida, foram apontados avanços nas lutas políticas e sociais de LGBTs, seja por meio de maior representatividade política ou pelo maior acesso a informação que a Internet trouxe, sendo assim, a segunda categoria mais comentada nas entrevistas.

A partir da árvore de coocorrências (Gráfico 2) torna-se mais claro os resultados gerais obtidos pelas entrevistas. Chapecó faz jus ao apelido de “Capital do Oeste”, sendo considerada referência para a comunidade LGBTQIA+ da região, seja por atrair e concentrar essa população em dias de Parada ou por parte dela ver em Chapecó uma oportunidade de poder exercer sua sexualidade mais livremente que em suas cidades natais. Entretanto, é necessário ressaltar que Chapecó se destaca como referência para a comunidade LGBTQIA+ regional apenas pelo contexto mais perverso das cidades do entorno. Disponibilidade de trabalho e instituições de ensino superior também agem como fatores atrativos a Chapecó.

O preconceito é algo presente, desde a escola. Ele pode não se apresentar de forma física, mas se apresenta com olhares de julgamento em direção a mulheres e pessoas LGBTQIA+, além de ser mencionado nas entrevistas questões sobre privilégios raciais, de classe e por performar expressões de gênero heteronormativas, influenciando no grau de opressão que a pessoa possa sofrer. As pessoas não se sentem seguras em se expressar da forma que gostariam, seja individualmente, como um homem pintando as unhas, ou como casal, não podendo expressar afeto em público ou andar de mãos dadas e dessa forma as máscaras sociais são mantidas, acentuando a imagem heteronormativa da região.

Poucos espaços privados de sociabilidade LGBTQIA+ foram mencionados, porém pareceram ser suficientes para as demandas da cidade, entretanto há necessidade de espaços públicos de qualidade, uma vez que a própria comunidade responde a carência por lugares de socialização se encontrando nas ruas e em pontos diversos pela cidade. A “Parada de Luta LGBT do Oeste Catarinense” tem se mostrado muito importante para a representatividade LGBTQIA+ desde sua primeira edição em 2016.

Além disso, as Universidades exercem um papel fundamental, não apenas em atrair novas pessoas, culturas e diversidade para a cidade, mas também como agente de apoio para a representatividade LGBT+ na cidade. Situações de pessoas expulsas de casa também foram relatadas, expondo a demanda por espaços de acolhimento e ajuda, assim como foi expressada a necessidade de atendimento psicológico para a comunidade.



Ponto de partida da Parada
Foto: Briann Ziarecki
Fonte: <https://www.facebook.com/unalgbtchapeco>



Performance durante a Parada
Fonte: <https://www.facebook.com/unalgbtchapeco>

VISIBILIDADE

5.1 O TERRENO ESCOLHIDO

O terreno hoje é ocupado pela PRIXMA AUTOMAÇÃO INDUSTRIAL LTDA, uma empresa que oferece serviços em automação industrial, tais como: automação de máquinas junto aos fabricantes, gerenciamento de produção, assistência técnica, montagens de painéis elétricos, desenvolvimento de softwares e projetos específicos. Até aproximadamente 2006 a edificação foi usada por uma escola. A empresa foi contatada e foi esclarecido que o terreno é alugado atualmente.

Entre seus clientes estão: a BRF (empresa multinacional brasileira do ramo alimentício - fusão entre Sadia e Perdigão), a Aurora, a Tirol, Piracanjuba, Parati, entre outros.

[...] a PRIXMA conta com diversos serviços especializados, como projetos e montagem de painéis elétricos e interligação do chão de fábrica aos sistemas corporativos. Além de cada vez mais ampliar suas áreas de atuação, oferecendo soluções estratégicas e pontuais para as indústrias de alimentos e bebidas, papel e celulose, refrigeração e fabricantes de máquinas. Conta com alianças estratégicas reconhecidas e presentes nos principais mercados mundiais. Um diferencial, aliás, da PRIXMA, que mantém importantes parcerias com distribuidores nacionais e internacionais, tornando-se, assim, uma das principais integradoras de sistemas no sul do Brasil. (<http://prixma.com.br/quem-somos/>)

Os motivos para a escolha desse terreno são:

- 1) Proximidade ao trajeto já existente da Parada de Luta LGBT do Oeste Catarinense, uma vez que pretendo conectar o evento ao edifício proposto.
- 2) Proximidade de áreas de ocupação já familiares à comunidade LGBTQIA+ de Chapecó, como a Balada Cubo, o mercado Altas Horas e o Pub PW.
- 3) Opções de linhas de ônibus variadas nas proximidades, não só por estar na Avenida Fernando Machado, mas também por estar próxima a Avenida São Pedro (via de conexão importante entre Centro - Efapi (maior bairro de Chapecó) e Centro - Unochapecó / Campus UFFS).
- 4) Proximidade com a rodoviária. (aprox. 1,2 km)
- 5) Proximidade com o Ecoparque. (aprox. 1 km)
- 6) Proximidade com diversos outros serviços no centro da cidade.

Acredito que a implantação de um equipamento urbano de caráter público/social e de alcance regional, é mais relevante em um contexto central da cidade, do que um empresa que poderia estar na zona industrial da cidade - perto das indústrias que ela mesma presta serviço. Além disso, a realocação dessa empresa poderia afastar eventuais veículos pesados do centro da cidade, que causam trânsito, poluição e sobrecarga no asfalto.

5.1.1 PLANO DIRETOR

O terreno se encontra em uma Área Urbana Central (AUC) de acordo com o Plano diretor de Chapecó de 2014, subdivisão da macrozona urbana caracterizada por “áreas urbanas centrais melhor atendidas pela infraestrutura, pelos serviços públicos e pelas oportunidades geradas a partir da urbanização do Município, apresentando alta densidade de edificações e maior concentração de atividades econômicas.” (PLANO DIRETOR DE CHAPECÓ, 2014)

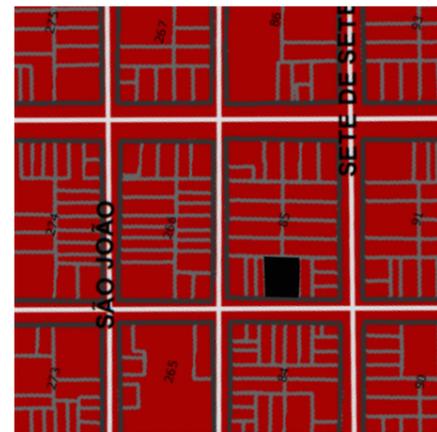


Imagem ANEXO III - MACROZONA URBANA E SUBDIVISÕES.
Fonte: Plano diretor de Chapecó, 2014



Imagem de satélite do terreno. (metros)
Fonte: Google Earth

ÍNDICES E PARÂMETROS URBANÍSTICOS MACROZONA URBANA - MU											Anexo III-A			
Unidade Territorial	Lote mín. m2	Testada mín.		Coeficiente de Aproveitamento (CA)			Taxa de Ocupação (TO)		Recuo mín. (m)	Afastamento mín. (m)	Índice Verde (%)	Número pvtos	Taxa de Permeabilidade (TP) (%)	Dimensões máximas quadras (m)
		Esquina (m)	Melo de Quadra (m)	min.	básc.	máx.	base (%)	torre (%)						
Área Urbana Central - AUC	360	15	12	0,2	9	10,2	90	60	0 (b)	(a)	=	Conf. CA	5	192

TABELA ANEXO III - A. Fonte: Plano diretor de Chapecó, 2014



Transporte público nas proximidades do terreno
Foto do autor



Av. Fernando Machado, 1146 D - Centro, Chapecó - SC, 89802-111 / Terreno murado e fechado
Foto do autor

5.2 O ESPAÇO PROPOSTO

O PARTIDO

PROTEGER AS PESSOAS DO OLHAR DE JULGAMENTO, MAS PERMITIR O OLHAR DE RECONHECIMENTO

O Edifício possui 4 andares, com volumes escalonados e a criação de terraços ao ar livre onde se configuram escadas de acesso. Eles também configuram duas praças - Uma praça externa, mais convidativa, mais acessível e visível à rua e uma praça central, protegida pelo volume do edifício, mais interna.

A intenção com isso é ter a vivência LGBTQIA+ resguardada, segura no interior do edifício, mas ao mesmo tempo que não fique escondida da cidade. Dependendo do ângulo, as pessoas que estão na rua veem quem tá circulando pelas escadas nos terraços - os usuários do edifício são vistos e ao mesmo tempo protegidos no interior do edifício.

OS ESPAÇOS

Três eixos principais nortearam a criação dos espaços propostos:

SOCIABILIDADE E CULTURA

Cultura pode ser entendida como um conjunto de ideias e valores, totalizando uma atitude mental coletiva. Modos de viver, organização espacial e estética são expostas através de símbolos, sendo a cultura também um sistema simbólico (KUPER, 2002 apud DILL, 2019). Dessa forma, caracteriza-se a cultura como “um potencial instrumento de identificação coletiva, onde o modo de viver de um grupo, estabelece fronteiras com outros modos de viver e essas interações produzem materialmente o espaço físico, reflexo e identidade do contexto cultural ao qual pertencem.” (DILL, 2019)

Chapécó, inserida em uma cultura heteronormativa, conservadora e aversiva às diversidades que ousam transgredir as normatividades locais, pode, muitas vezes, se tornar um ambiente hostil para a população LGBTQIA+ local, como foi demonstrado na pesquisa realizada por meio das entrevistas. Dessa forma, tendo em vista que os sistemas simbólicos e os modos de viver em Chapécó são predominantemente cis e heteronormativos, o projeto busca proporcionar uma flexibilização dessas fronteiras culturais através da inserção de novos símbolos e formas de se relacionar pautados pela diversidade de gênero e sexual.

Para tanto, estabelecerá espaços de sociabilidade e cultura, ou seja, espaços que permitam relações, apropriações, usos, costumes, olhares, discursos e representações acerca da comunidade LGBTQIA+, assim como espaços que permitam a livre expressão de elementos identitários e culturais e que aceitem as mais variadas formas de viver da comunidade, na qual tais práticas, consideradas “desviantes” e “anormais” sejam aceitas

Busca-se atingir isso com a criação de espaços públicos de livre apropriação como as praças (externas e internas) e com os diversos espaços de performances artísticas e políticas, sendo o palco um deles. Espaços como o café/bar, camarim, banheiros públicos, salas multiuso e a administração do edifício servem como suporte para tais atividades. Espera-se que a militância do movimento LGBTQIA+ também

tenha espaço e voz no projeto, servindo como instrumento pedagógico para a população.

SAÚDE E EDUCAÇÃO

Espaços para atendimentos terapêutico e médico, salas reservadas para terapia individual, terapia em grupo e consultório médico/enfermagem, que ofereça serviços já prestados pelas Unidades Básicas de Saúde, tal como fornecimento de preservativos, absorvente, oferta de testes rápidos para ISTs (infecções sexualmente transmissíveis), tratamento de ISTs, medicamentos e acompanhamento para pessoas que vivem com HIV e PREP/PEP (Profilaxia Pré-Exposição e Profilaxia Pós-Exposição do HIV). Além disso, espaços do edifício, tais como as praças no térreo e palco, assim como salas multiuso podem ser utilizadas como espaços pedagógicos pela comunidade universitária para relizar debates acerca de Educação Sexual ou qualquer outro tema pertinente para a comunidade LGBTQIA+, assim como para a população cis heteronormativa que possui sensibilidade e consciência para querer se educar sobre tais questões.

ACOLHIMENTO

Espaço de moradia temporária/de passagem para pessoas LGBTQIA+. Três quartos coletivos com três camas cada, totalizando capacidade para 9 moradores, espaço de estar e cozinha, banheiros e lavanderia. Esse espaço também conta com uma recepção/secretaria exclusiva que oferece suporte aos moradores. A partir do que esse trabalho pretende refletir, não há separação por gênero ou sexualidade, tanto em quartos como em banheiros, assim como no estudo de caso feito sobre a “Casa 1” em São Paulo.

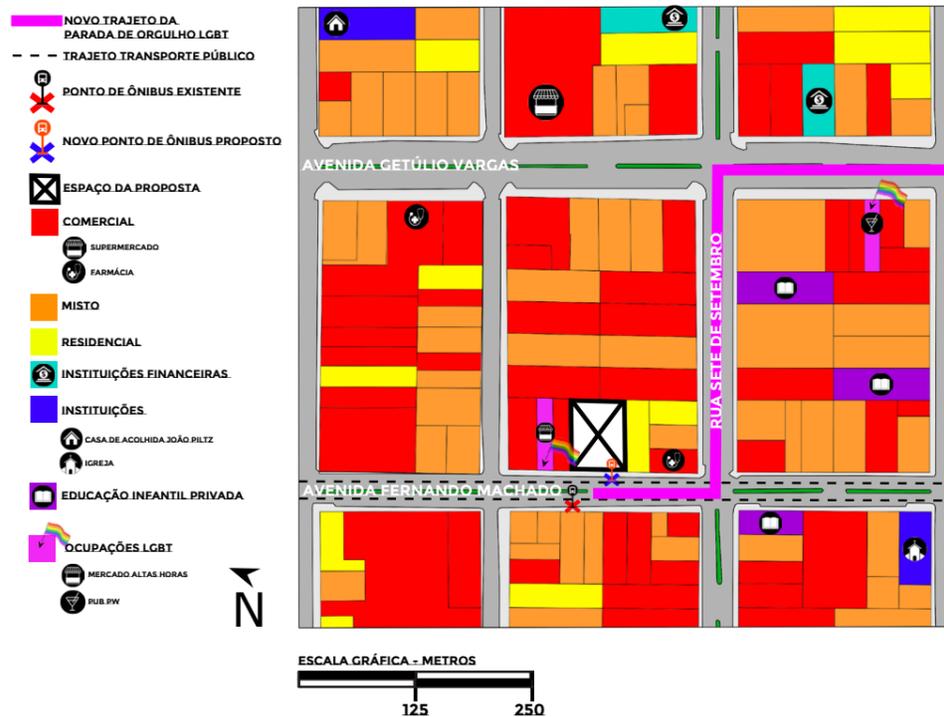


Resiliência / Resistência - Muro em Lisboa
Foto por Pedro Ferraz

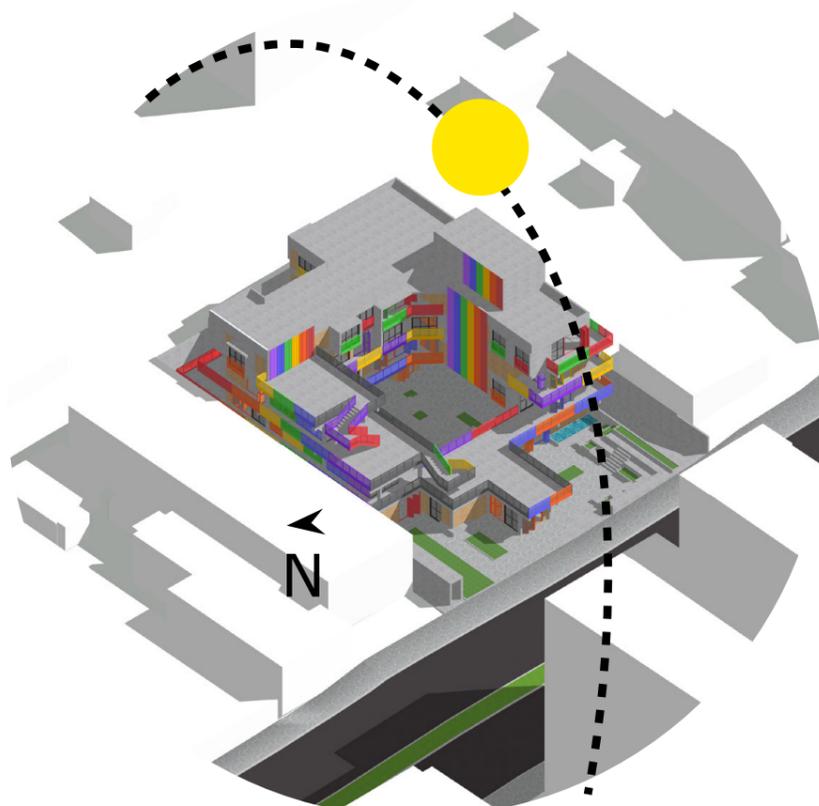
É proposto proteger as pessoas do olhar de julgamento, entretanto não consigo eliminá-lo. Não é a população LGBTQIA+ que precisa ficar escondida para não sofrer, são as pessoas com seus preconceitos que precisam. Ser LGBTQIA+ não é uma escolha. Ser LGBTfóbico é.

RESILIENTES - SOMOS OBRIGADOS A SER TODOS OS DIAS, GRAÇAS A INTOLERÂNCIA DA SOCIEDADE. EXIGE RESISTÊNCIA, E MUITA, PARA IR CONTRA AS NORMATIVIDADES.

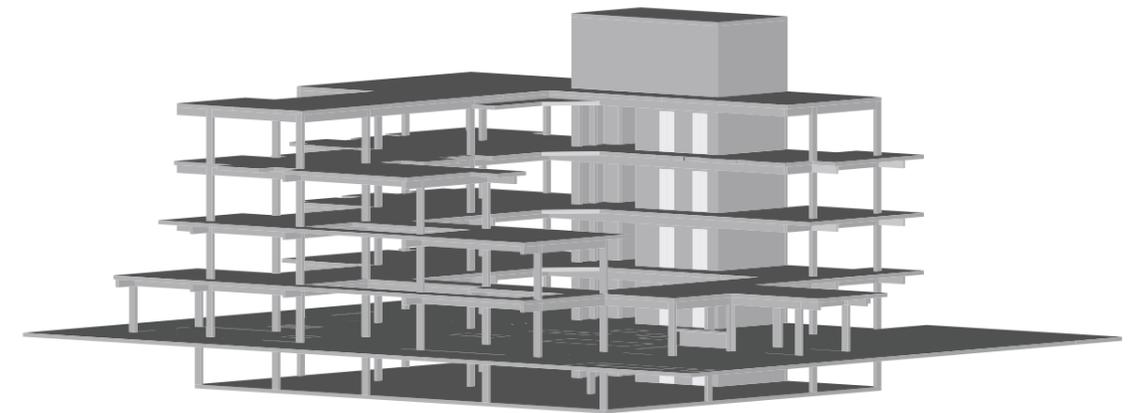
MAPA DE USO DO SOLO E ENTORNO



POSIÇÃO SOLAR



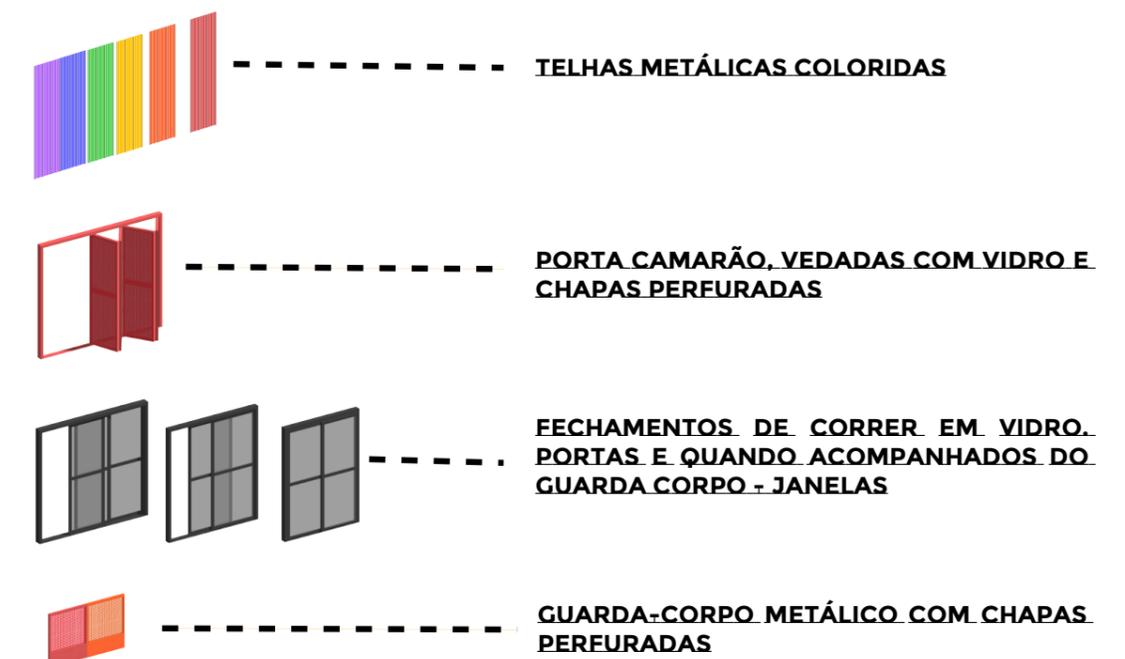
A ESTRUTURA



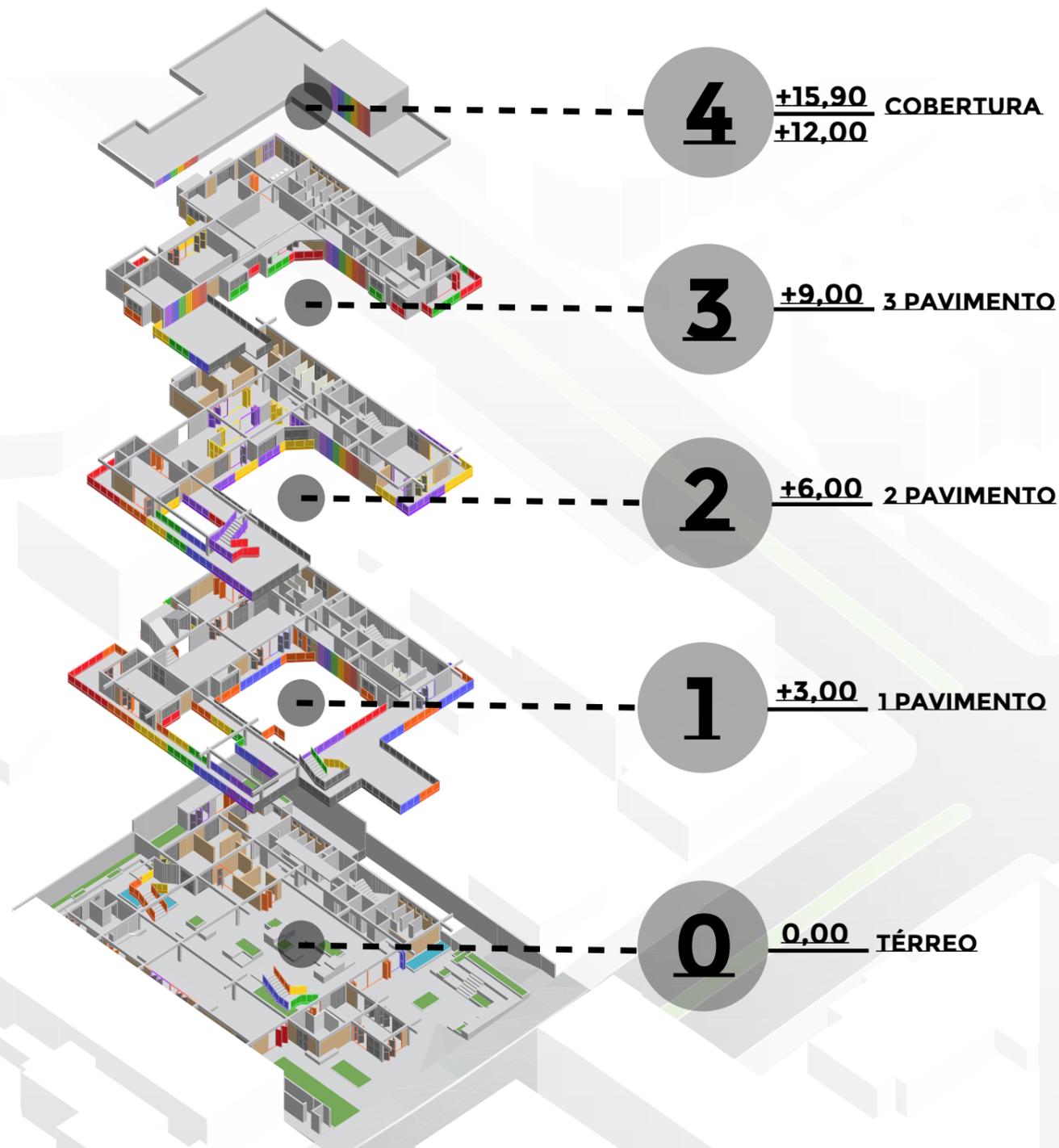
O sistema estrutural adotado para esse projeto é em concreto armado, responsável por absorver as cargas da edificação e transmiti-las para a fundação. No núcleo rígido da edificação se encontram os elevadores, escadas de emergência, concentração de instalações hidráulicas e em seu topo, as áreas técnicas, como o barrilete, casa de máquinas dos elevadores, assim como o reservatório de água superior (9500 Litros - Reserva Técnica de Incêndio inclusa).

FECHAMENTOS

Nas partes permeáveis que a estrutura deixa, serão utilizados como fechamentos paredes em alvenaria aparente, vidro, perfis metálicos, chapas perfuradas e telhas metálicas coloridas (essas com a finalidade de criar alusão a bandeira LGBT na fachada do edifício).



ISOMÉTRICA EXPLODIDA



AS CORES

Usar as cores da bandeira na fachada tem o objetivo da visibilidade. Independente da pessoa ser LGBTQIA+ ou heterossexual, se ela identificar as “cores do arco-íris na fachada”, ela saberá que aquele lugar é uma ocupação da comunidade na cidade... não uma ocupação efêmera, mas uma ocupação presente, para ser olhada por todos os dias. Para ser destoante da paisagem. Para quem for LGBTQIA+ avistar o edifício e reconhecer “eu tenho um lugar para ser quem eu sou”. O edifício não é para ser subjetivo, é para ser literal. É para ser uma bandeira. É para ser uma Parada que nunca acaba, o mês de junho que celebra o Orgulho LGBTQIA+ o ano inteiro.

Muito especialmente a partir dos anos 1960, jovens, estudantes, negros, mulheres, as chamadas “minorias sexuais” e étnicas passaram a falar mais alto, denunciando sua inconformidade e seu desencanto questionando teorias e conceitos, derrubando fórmulas, criando novas linguagens e construindo novas práticas sociais. Uma série de lutas ou uma luta plural, protagonizada por grupos sociais tradicionalmente subordinados, passava a privilegiar a cultura como palco do embate. Seu propósito consistia, pelo menos inicialmente, em tornar visíveis “outros” modos de viver, os seus próprios modos: suas estéticas, suas éticas, suas histórias, suas experiências e suas questões. Desencadeava-se uma luta que, mesmo com distintas caras e expressões, poderia ser sintetizada como a luta pelo direito de falar por si e de falar de si. Esses diferentes grupos, historicamente colocados em segundo plano pelos grupos dominantes, estavam e estão empenhados, fundamentalmente, em se auto representar. (LOURO, 2008, p. 20)



“I am a Monument” Robert Venturi e Denise Scott Brown
 “I am a Queer Space”
 Edição por @thequeerarchitect
<https://www.instagram.com/thequeerarchitect/>



Parada de Luta LGBT do Oeste Catarinense
 Fonte: <https://www.facebook.com/unalgbtchapeco>

“PENSAMOS QUE QUANTO MAIS DIREÇÕES A ARQUITETURA TOMAR, MELHOR. A NOSSA NÃO EXCLUI A DELES, E VICE VERSA.”

“OS ARQUITETOS MODERNOS ABANDONARAM UMA TRADIÇÃO ICONOLÓGICA EM QUE A PINTURA, A ESCULTURA E O GRAFISMO SE COMBINAVAM COM A ARQUITETURA”

“EMBORA MUITO ESQUECIDOS PELOS ARQUITETOS MODERNOS, OS PRECEDENTES HISTÓRICOS DO SIMBOLISMO EM ARQUITETURA EXISTEM, E AS COMPLEXIDADES DA ICONOGRAFIA CONTINUARAM A SER UMA PARTE IMPORTANTE DA DISCIPLINA HISTÓRIA DA ARTE”

(IZENOUR, SCOTT BROWN E VENTURI EM “APRENDENDO COM LAS VEGAS”)



ACESSO PELA AVENIDA FERNANDO MACHADO



VISTA DO PRAÇA CENTRAL E DOS TERRAÇOS ESCALONADOS



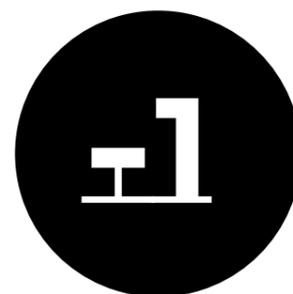
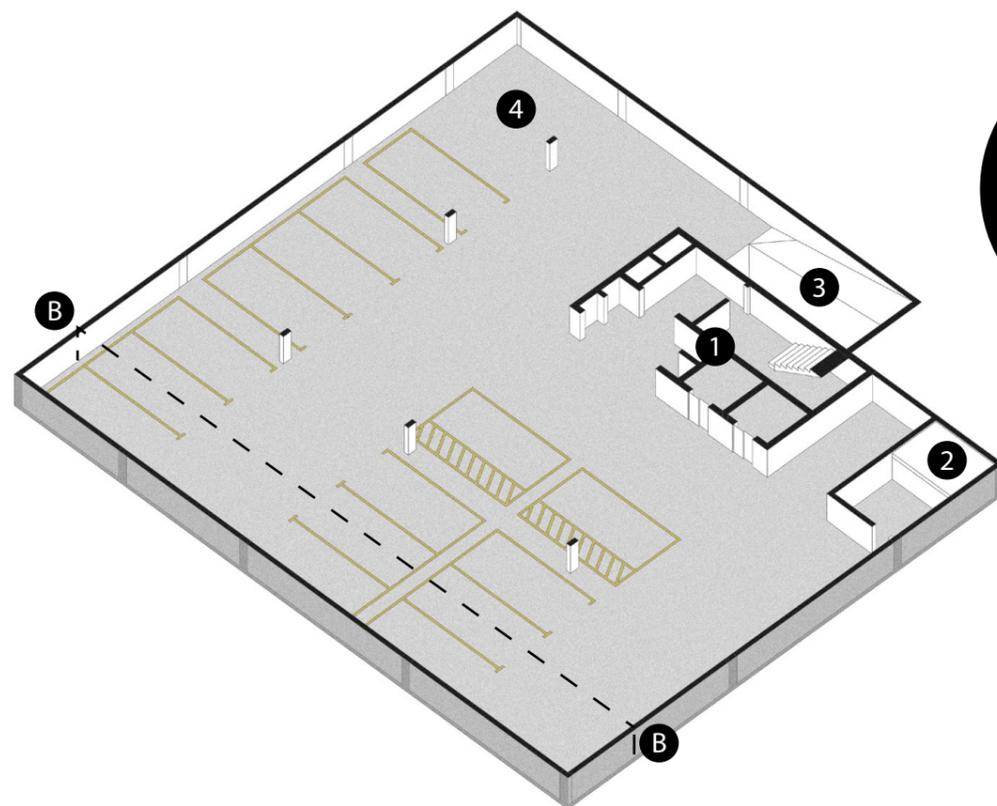
PRAÇA EXTERNA / ACESSO À RUA

VISTA DA PRAÇA CENTRAL COM A BANDEIRA



O PROJETO

UM ESPAÇO PARA A COMUNIDADE LGBTQIA+ DO OESTE CATARINENSE



SUBSOLO

APROX. 546 M²

13 VAGAS, 2 VAGAS ACESSÍVEIS

DESTINADAS AOS FUNCIONÁRIOS, VOLUNTÁRIOS, TRABALHADORES DO EDIFÍCIO

- 1 CAIXA DE CIRCULAÇÃO (ESCALADA DE EMERGÊNCIA, ELEVADORES, SHAFTS) (47 m²)
- 2 RESERVATÓRIO DE ÁGUA INFERIOR (6900 litros)
- 3 RAMPA DE ACESSO
- 4 ESPAÇO PARA MOTOCICLETAS/BICICLETAS (28 m²)
- B CORTE BB



PRAÇA CENTRAL



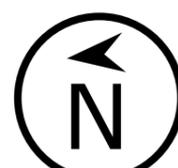
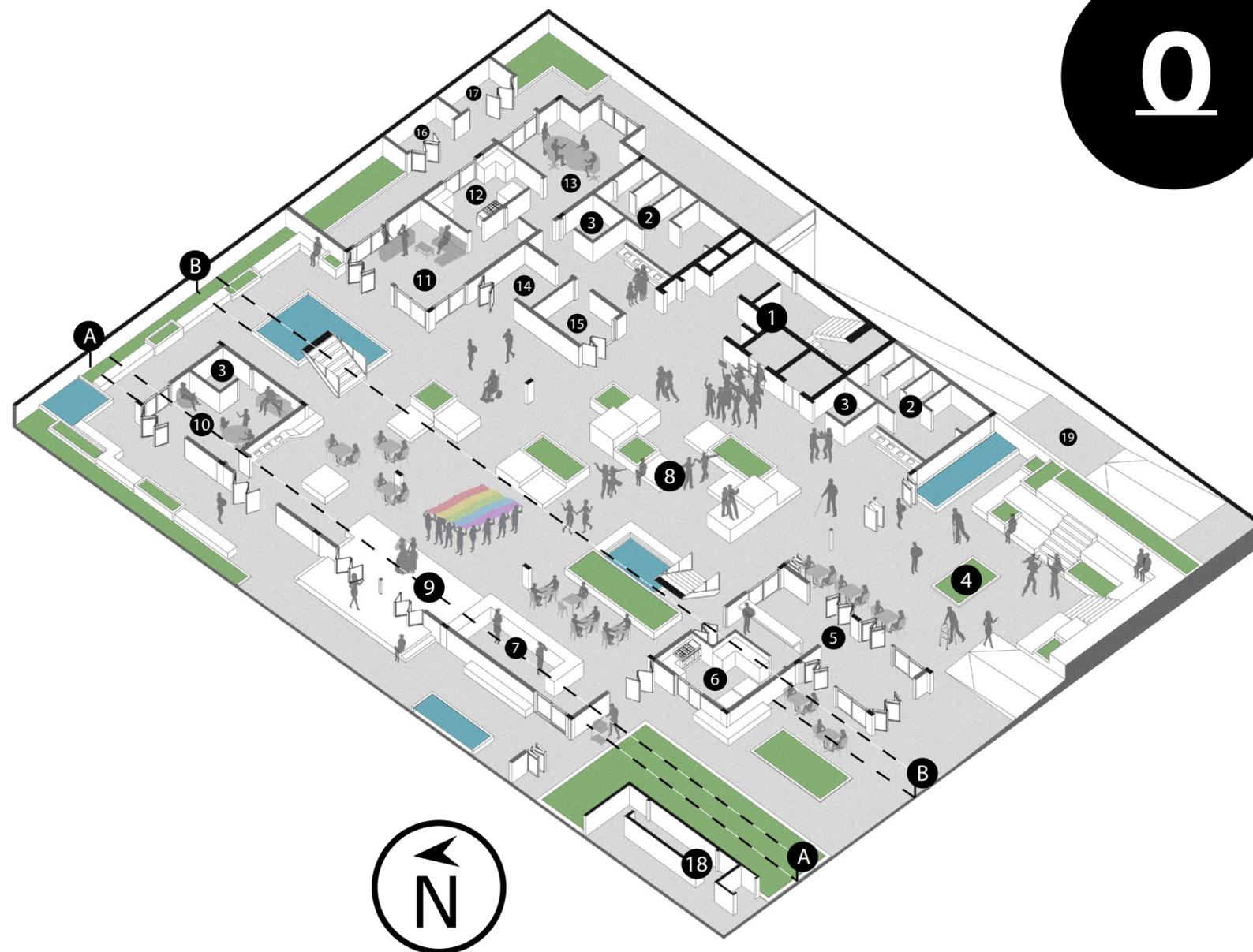
FACHADA LESTE



ACESSO



PALCO E BAR



TÉRREO

- 1 CAIXA DE CIRCULAÇÃO (ESCALADA DE EMERGÊNCIA, ELEVADORES, SHAETS)
- 2 BANHEIROS (aprox. 27m² cada)
- 3 BANHEIROS ACESSÍVEIS (4 m² cada)
- 4 PRAÇA (170 m²)
- 5 CAFÉ/LANCHONETE (36 m²)
- 6 COZINHA (14 m²)
- 7 BAR (17 m²)
- 8 PRAÇA (ESPAÇOS DE ESTAR, COMTEMPLAÇÃO DO PALCO E CONSUMO DO CAFÉ/BAR) (400 m²)
- 9 PALCO (interno: 23,4 m² e externo: 14,7 m²)
- 10 CAMARIM (21 m²)
- 11 ADMINISTRAÇÃO (27,4 m²)
- 12 COZINHA/COPA (13,5 m²)
- 13 SALA DE REUNIÕES (27,8 m²)
- 14 ALMOXARIFADO (7,8 m²)
- 15 SALA DE SEGURANÇA (7,8 m²)
- 16 DEPÓSITO 1 (4,7 m²)
- 17 DEPÓSITO 2 (4,9 m²)
- 18 DEPÓSITO DE LIXO (1,5 m²) E CASA DE GÁS (5,8 m²)
- 19 ACESSO AO SUBSOLO (GARAGEM)
- A CORTE AA
- B CORTE BB



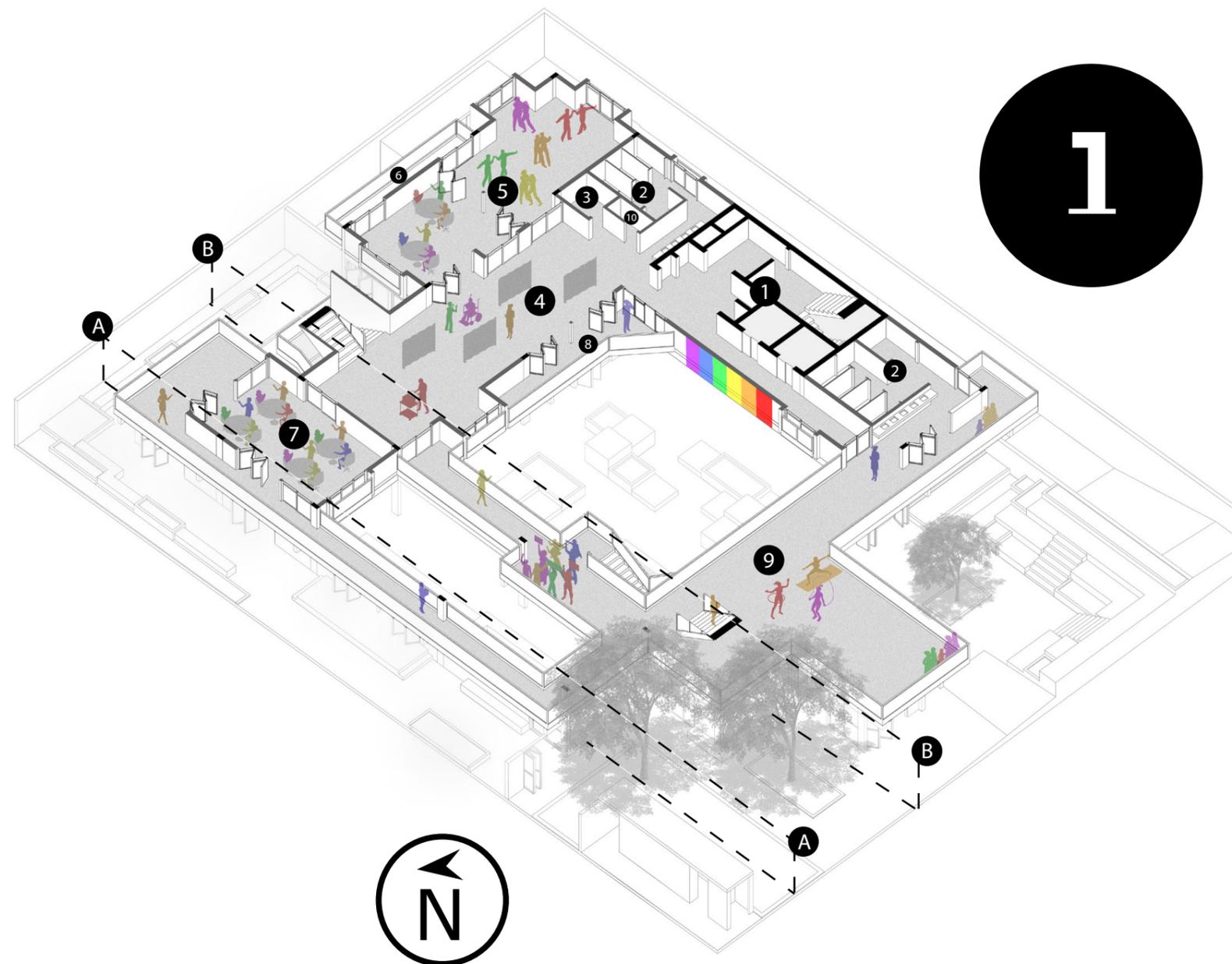
VISTA DA SACADA



VISTA PARA PALCO E BAR

TERRAÇO

TERRAÇO



1

1 PAVIMENTO

- 1 CAIXA DE CIRCULAÇÃO (ESCALADA DE EMERGÊNCIA, ELEVADORES, SHAFTS)
- 2 BANHEIROS (31 m² e 22 m²)
- 3 BANHEIRO ACESSÍVEL (3,8 m²)
- 4 SALA DE EXPOSIÇÕES (100 m²)
- 5 SALA MULTIUSO DUPLA (SALAS DE OFICINAS) (75 m²)
- 6 SACADA (10 m²)
- 7 SALA MULTIUSO (SALA DE OFICINAS) (40 m²)
- 8 SACADA (15 m²)
- 9 TERRAÇOS E CIRCULAÇÃO EXTERNA (232 m²)
- 10 ALMOXARIFADO (1,8 m²)
- A CORTE AA
- B CORTE BB

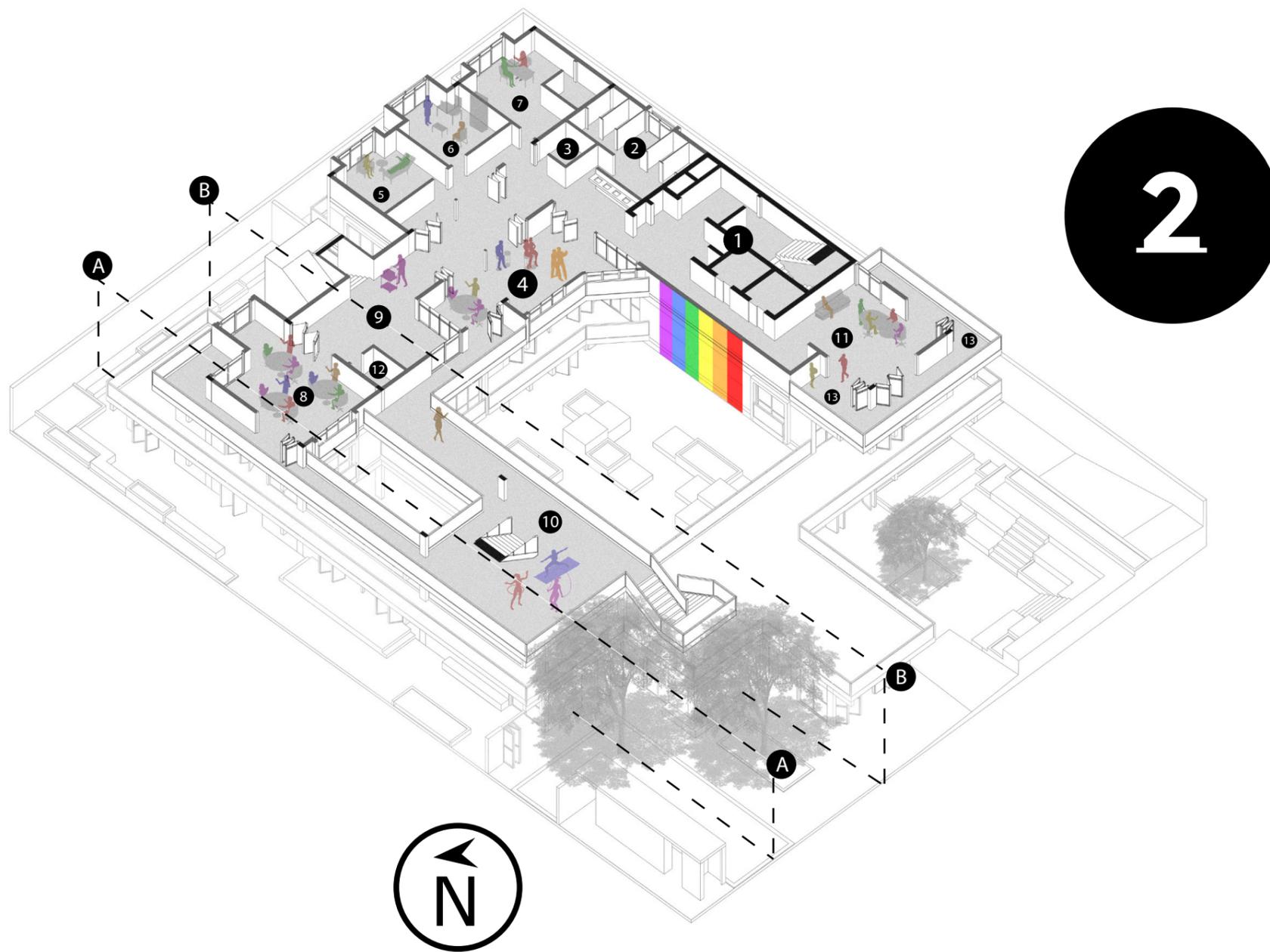


TERRAÇO

VARANDA E CIRCULAÇÃO LATERAL

SACADA

CIRCULAÇÃO LATERAL



2

2 PAVIMENTO

- 1 CAIXA DE CIRCULAÇÃO (ESCALADA DE EMERGÊNCIA, ELEVADORES, SHAFTS)
- 2 BANHEIRO (27 m²)
- 3 BANHEIRO ACESSÍVEL (4 m²)
- 4 SALA MULTISUO (TERAPIA EM GRUPO) (35 m²)
- 5 CONSULTÓRIO PSICOLÓGICO (15,7 m²)
- 6 CONSULTÓRIO PSICOLÓGICO (16,7 m²)
- 7 CONSULTÓRIO + ENFERMAGEM (20,9 m²) BANHEIRO (4,7 m²)
- 8 SALA MULTISUO (UNIVERSIDADES) (35 m²)
- 9 CIRCULAÇÃO, ESTAR E EXPOSIÇÃO (TEMPORÁRIO) (61 m²)
- 10 TERRAÇOS E CIRCULAÇÃO EXTERNA (127 m²)
- 11 SALA MULTISUO (UNIVERSIDADES) (31 m²)
- 12 ALMOXARIFADO (3,2 m²)
- 13 SACADA (30 m²)
- A CORTE AA
- B CORTE BB



TERRAÇO



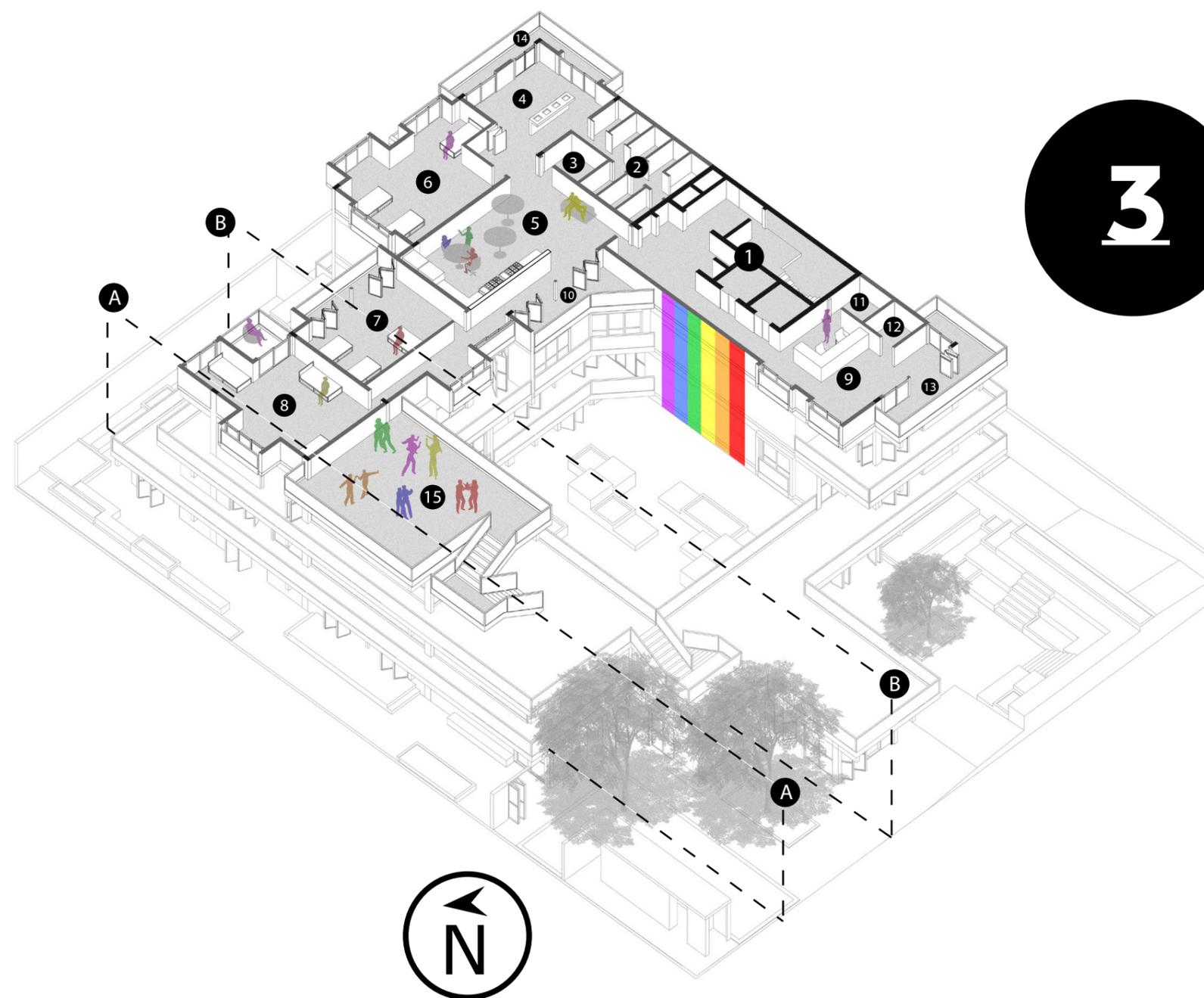
TERRAÇO



SACADA



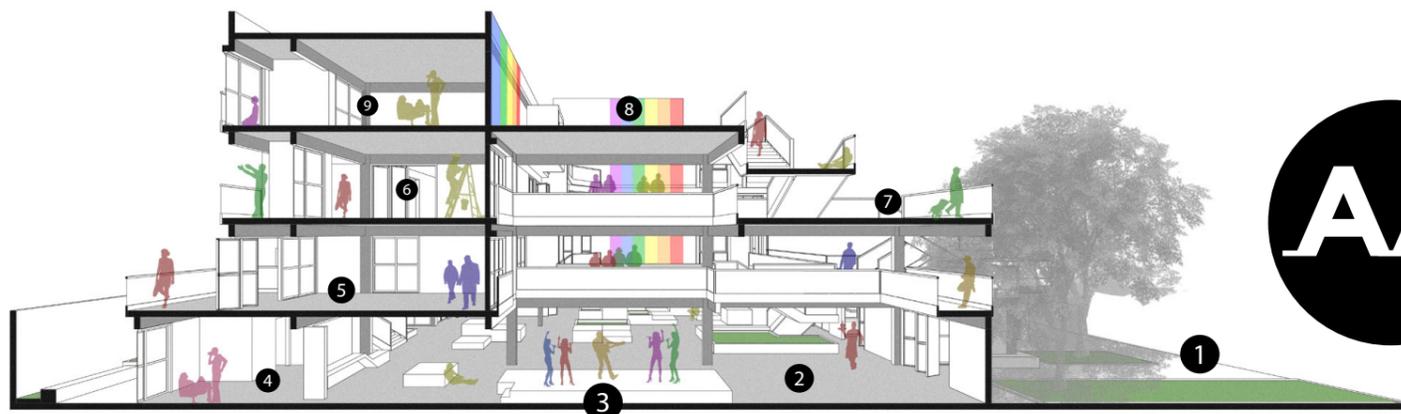
TERRAÇO



3

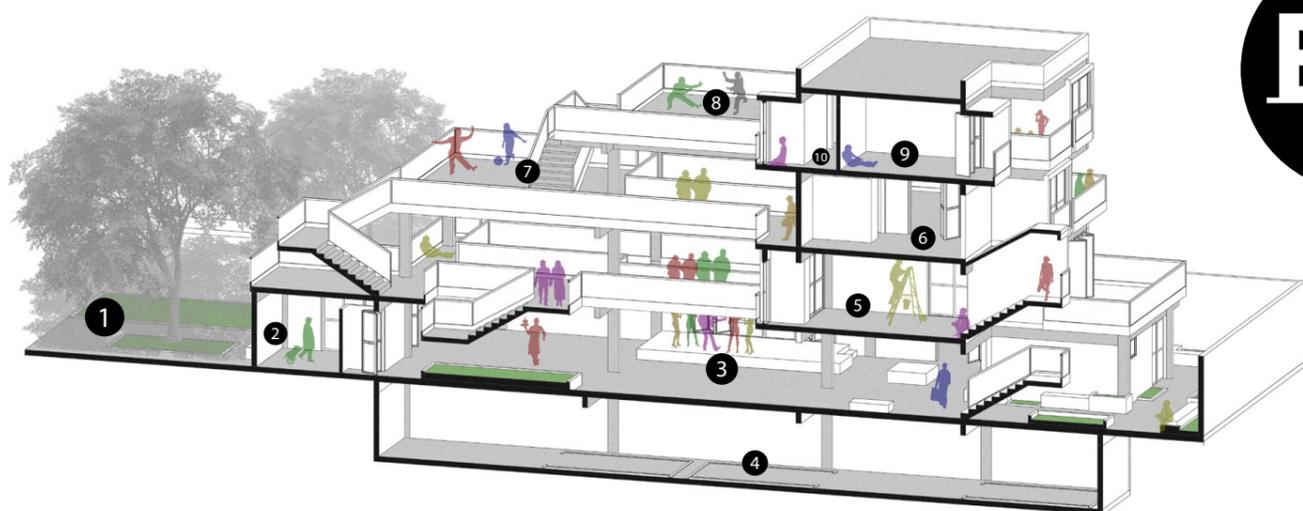
3 PAVIMENTO

- 1 CAIXA DE CIRCULAÇÃO (ESCALA DE EMERGÊNCIA, ELEVADORES, SHAFTS)
- 2 BANHEIRO (36,8 m²)
- 3 BANHEIRO ACESSÍVEL (4,7 m²)
- 4 LAVANDERIA (15,4 m²)
- 5 COZINHA E ESTAR (55 m²)
- 6 QUARTO (40 m²)
- 7 QUARTO (30 m²) SACADA (5,4 m²)
- 8 QUARTO (38 m²) SACADA (5,6 m²)
- 9 SECRETARIA (34 m²)
- 10 SACADA (11,35 m²)
- 11 ALMOXARIFADO / DEPÓSITO (4,3 m²)
- 12 BANHEIRO ACESSÍVEL (4 m²)
- 13 SACADA (15,5 m²)
- 14 SACADA (13,6 m²)
- 15 TERRAÇO (65 m²)
- A CORTE AA
- B CORTE BB



CORTE AA

- 1 ACESSO
- 2 BAR
- 3 PALCO
- 4 CAMARIM
- 5 SALA MULTIUSO (OFICINAS)
- 6 SALA MULTIUSO (UNIVERSIDADES)
- 7 TERRAÇO
- 8 TERRAÇO
- 9 QUARTO COLETIVO (3 PESSOAS)



CORTE BB

- 1 ACESSO
- 2 COZINHA
- 3 PALCO
- 4 GARAGEM
- 5 ESPAÇO DE EXPOSIÇÃO
- 6 CIRCULAÇÃO, ESTAR, ESPERA
- 7 TERRAÇO
- 8 TERRAÇO
- 9 QUARTO COLETIVO (3 PESSOAS)
- 10 CIRCULAÇÃO

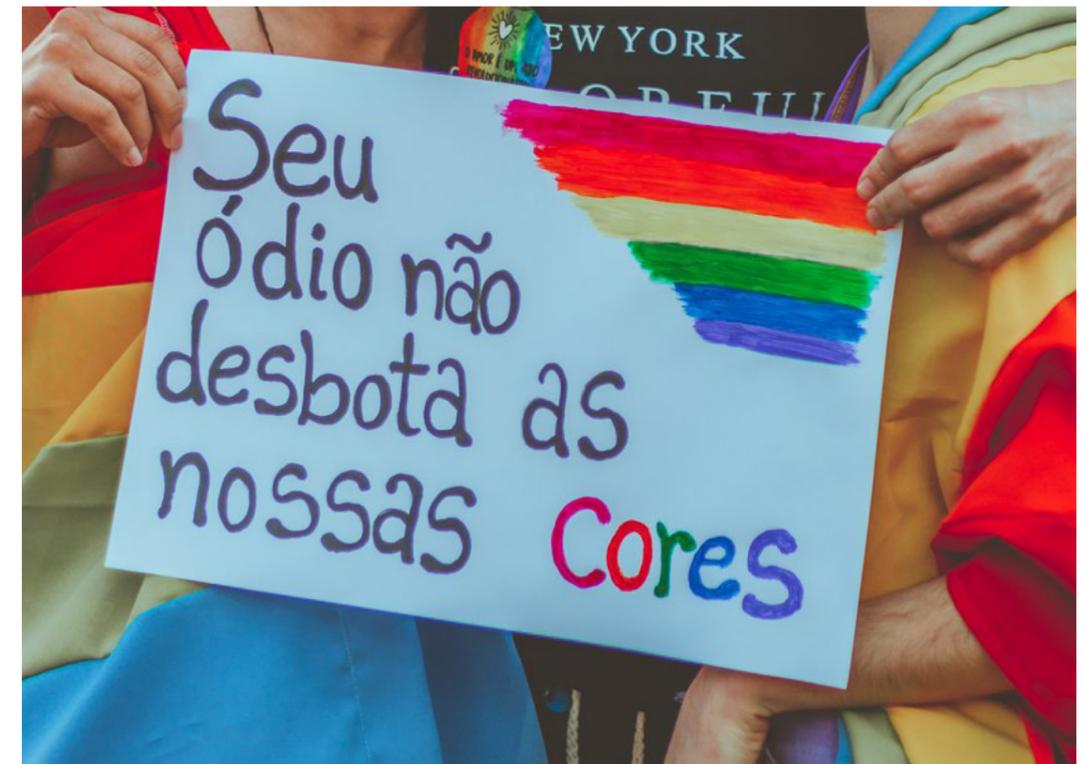




“LEVANTE A BANDEIRA”



FACHADA LESTE



Parada de Luta LGBT do Oeste Catarinense
Fonte: <https://www.facebook.com/unalgbtchapeco>

“EXISTEM MOMENTOS NA VIDA EM QUE A QUESTÃO DE SABER SE PODE PENSAR DIFERENTEMENTE DO QUE SE PENSA (...) É INDISPENSÁVEL PARA CONTINUAR A REFLETIR”

MICHAEL FOUCAULT (1926 - 1984)

EU SONHO COM UM MUNDO ONDE A GENTE NÃO PRECISE LEVANTAR BANDEIRAS. PORÉM, HOJE MAIS DO QUE NUNCA, E EM PLENO SÉCULO XXI, NÓS AINDA PRECISAMOS.

REFERÊNCIAS

ATLAS CLIMATOLÓGICO DO ESTADO DE SANTA CATARINA. http://ciram.epagri.sc.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=708&Itemid=483

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em ciências sociais. Em tese: Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC, v. 2, n. 1, p. 68-80, 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/18027>>. Acesso em: 10 de janeiro de 2021.

CAMARGO, Brígido Vizeu; JUSTO, Ana Maria. Tutorial para uso do software de análise textual IRAMUTEQ. Laboratório de Psicologia Social da Comunicação e Cognição – LACCOS, UFSC, 2013. Disponível em: <<http://www.iramuteq.org/documentation/fichiers/tutoriel-en-portugais>>. Acesso em: 15 de fevereiro de 2021.

CHIOCHETTA, Angela Smaniotto; AVENA, Daniella Tebar. Parada gay de São Paulo: evento de compromisso social ou uma grande festa na Avenida Paulista? Caderno Virtual de Turismo, Rio de Janeiro, v. 2, n. 6, p.11-18, 2006. Disponível em: <Parada gay de São Paulo: evento de compromisso social ou uma grande festa na Avenida Paulista? | Chiochetta | Caderno Virtual de Turismo (ufrj.br)>. Acesso em: 05 de janeiro de 2021.

COMISSÃO INTERAMERICANA DE DIREITOS HUMANOS. Violência contra Pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans e Intersexo nas Américas. 12 nov. 2015. Disponível em: <http://www.oas.org/pt/cidh/docs/pdf/ViolenciaPersonasLGBTI.pdf>. Acesso em: 09 de outubro de 2020.

COSTA, Eduino Rodrigues da. O campo térmico e a qualidade ambiental urbana em Chapecó/SC. 2015. 290 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós-Graduação em Geografia, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2015.

DILL, Fernanda Machado; PIOVEZANA, Leonel; SANTOS, Jorge Alejandro. Reescrevendo a história sob uma perspectiva indígena: a desconstrução da figura do “desbravador” no oeste de Santa Catarina. Interfaces da Educação. v. 11, n. 33, 2020. pp. 223-244. Disponível em: <<https://periodicosonline.uems.br/index.php/interfaces/article/view/4899/0>>. Acesso em: 15 de junho de 2021.

DILL, Fernanda Machado. Linguagem Socioespacial: A Dimensão Espacial do Modo de Viver Kaingang. 2019. Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 2019.

FLICK, Uwe. Introdução à Pesquisa Qualitativa. Tradução Joice Elias Costa. 3a edição. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6a edição. São Paulo: Atlas, 2008.

GODOY, Mariana Spindola. Casa de Acolhimento LGBT+. Orientador: Rodrigo Gonçalves. 2017. Arquitetura e Urbanismo, Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/217117>>. Acesso em: 15 de setembro de 2020.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. Metodologias qualitativas na Sociologia. 5a edição. Petrópolis: Vozes, 1997.

IBGE | Biblioteca | Detalhes | Regiões de influência das cidades : 2018 / IBGE, Coordenação de Geografia. biblioteca.ibge.gov.br. Consultado em 07 de outubro de 2020. <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/bibliotecacatalogo?view=detalhes&id=2101728>

JESUS, Jaqueline Gomes de. Alegria momentânea: paradas do orgulho de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais. Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia, Belo Horizonte, v. 6, n. 1, p. 54-70, 2013. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202013000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 05 de janeiro de 2021.

REFERÊNCIAS

- LABES, Mauricio Goldschmidt. Silo das Artes: Uma proposta para reconversão de complexo agroindustrial em Chapecó. Orientadora: Karine Daufenbach. 2017. Arquitetura e Urbanismo, Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/213066>>. Acesso em: 15 de setembro de 2020.
- LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. Educ. rev., Belo Horizonte, n. 46, p. 201-218, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982007000200008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 09 de outubro de 2020
- LOURO, Guacira Lopes. Corpo, Escola e Identidade. Educação & Realidade, v. 25, n. 2, p. 60 – 75, 2000. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/46833>>. Acesso em: 11 de novembro de 2020.
- LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. Pro-Posições [online]. 2008, v. 19, n. 2, pp. 17-23. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-73072008000200003>>. Acesso em: 15 de junho de 2021
- MELLO, Ricardo Pimentel. Corpos, heteronormatividade e performances híbridas. Psicologia e Sociedade, Belo Horizonte, v. 24, n. 1, p. 197-207, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822012000100022&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 10 de novembro de 2020.
- MÜLLER, Cristina Besen. Cidade para quem? O Centro de Florianópolis e a População LGBT. Orientadora: Marina Toneli Siqueira. 2019. Arquitetura e Urbanismo, Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2019. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/197375>>. Acesso em: 15 de setembro de 2020.
- PERRONI, T. C.; APOLINÁRIO, E. B. R.; GRALAK, M. M.; MANFREDINI, G. A.; MINATOGAWA, M. C. As representações do movimento de Stonewall nos Estados Unidos (1969): “Stonewall - A Luta Pelo Direito de Amar” (1995) e “Stonewall: Onde o Orgulho Começou” (2015). Epígrafe, [S. l.], v. 7, n. 7, p. 97-108, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/epigrafe/article/view/154048>. Acesso em: 05 de janeiro de 2021.
- RESTIER, Henrique. O duelo viril: confrontos entre masculinidades no Brasil mestiço. In: RESTIER, Henrique, SOUZA, Rolf Malungo. Diálogos contemporâneos sobre homens negros e masculinidades. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial. Acesso em 17 de maio de 2021
- SANTOS, Kate. The Castro District: San Francisco’s Beating Heart of LGBTQ Pride. 2021. Disponível em: <<https://theculturetrip.com/north-america/usa/california/articles/castro-district-people-and-place/>>. Acesso em: 22 de março de 2021.
- Secretaria de Estado de Desenvolvimento Regional. Chapecó – Caracterização Regional. 2003. Disponível em <http://docweb.epagri.sc.gov.br/website_cep/publicacoes/diagnostico/CHAPECO.pdf> Acesso em: 09 de outubro de 2020.
- SEFFNER, Fernando. Sigam-me os bons: apuros e aflições nos enfrentamentos ao regime da heteronormatividade no espaço escolar. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 145-159, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022013000100010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 11 de novembro de 2020
- SOUZA, Marli Aparecida Rocha de et al. O uso do software IRAMUTEQ na análise de dados em pesquisas qualitativas. Rev. esc. enferm. USP, São Paulo, v. 52, 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342018000100444&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 01 de fevereiro de 2021.
- Princípios de Yogyakarta. Princípios sobre a aplicação da legislação internacional de direitos humanos em relação à orientação sexual e identidade de gênero.
- VENTURI, Robert; SCOTT BROWN, Denise; IZENOUR, Steven. Aprendendo com Las Vegas: o simbolismo (esquecido) da forma arquitetônica. São Paulo: Cosac Naify, 2003.